

P153



P
r
a

V
O
C
Ê

[Handwritten signature]

P'RA VOCE

revista : semanal ilustrada

DIRIGIDA POR
WILLY LEWIN
LUIZ C. AYRES

P R O P R I E D A D E
D A E M P R E Z A
D O "D I A R I O D A M A N H Ã"
R U A D O I M P E R A D O R 2 2 7 - R E C I F E

PREÇO

2\$000



Meias Manon

SÃO AS PREFERIDAS PELAS
ELEGANTES POR SEREM AS MAIS
FINAS E RESISTENTES.

PREÇOS AO ALCANCE DE TODOS

A' VENDA EM TODAS AS
CASAS DE 1.º ORDEM

Representantes exclusivos:

Alberto Fonseca & Cia. Ltda.

AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA, 122

RECIFE - PERNAMBUCO



Sobre-tudo de ga-
bardine para
meninos de 6 a
15 annos

Pelerines de
cazemira com
Capur

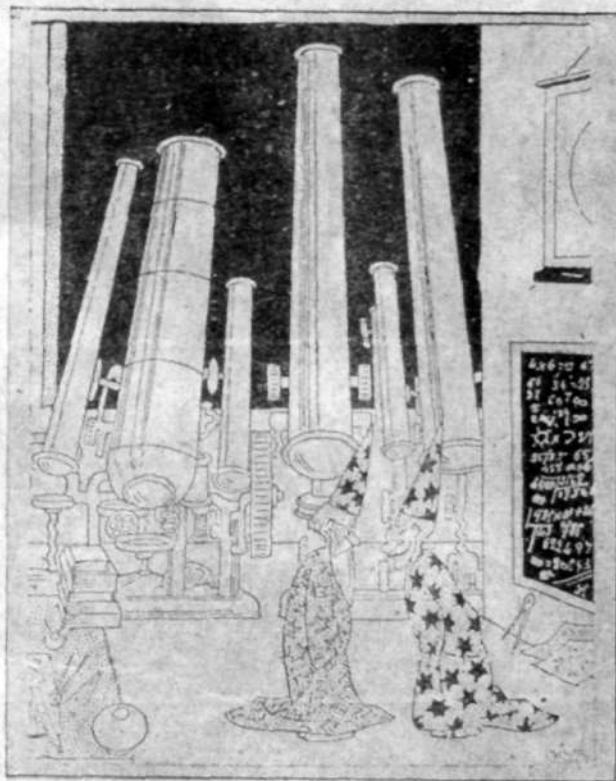
Capinhas e casa-
quinhas de malha
para creancinhas

Casacos de ma-
lha para senhoras

Sobre-tudos para homens.
O maior e o melhor sortimento
de artigos para agasalho na

MAISON CHIC

265 - RUA NOVA



ASTRONOMOS

— Aposto que amanhã choverá. Dêem-me os callos de
uma manelra terrível.

(De "Gutiérrez", Madrid).

"PRESTAM CONTAS 24 HORAS DEPOIS
DE EFFECTUADO O LEILÃO"

Eusebio Simões & Djalma Simões

— LEILOEIRO —

ESCRITORIO E ARMAZENS:

Praça Barão de Lucena ns. 6 e 10

Phone = 6568

Os melhores caramellos e balas de fructas



são da fabrica Beija-Flor



O CAFÉ SÃO PAULO entregou ao consumo publico durante o

anno proximo findo **Duzentos e noventa e sete mil kilos (297.000)**

de artigo de primeira qualidade com a unica marca de sua propriedade,

batendo o "record" dos cafés moidos do Recife.

SUL AMERICA

A maior Companhia de Seguros da America do Sul
FUNDADA EM 1895

No ultimo exercicio (1.º de Abril de 1928 a 31 de Março de 1929) foram pagos 18.733.540\$913, em 300 dias uteis de 8 horas, assim desdobrados:—

por segundo	2.168
por minuto	130.094
por hora	7.805.642
por dia	62.445.136
por semana	360.260.402
por mez	1.561.128.409

Peçam informações sobre suas apolices á Sucursal de Pernambuco

Rua Barão da Victoria, 318 — 1.º andar
ou a AGENCIA DA CAPITAL
RUA 1.º DE MARÇO, 79 — 1.º andar
CAIXA POSTAL, 169



Linda colleção de vestidos

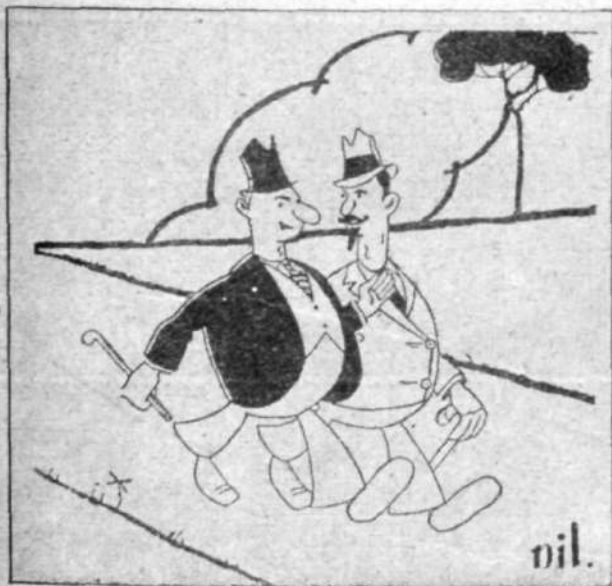
Mlle. Aida Conceição, de passagem por esta cidade, acaba de expor no Hotel Central, quarto 401, uma fina colleção de vestidos dos ultimos modelos parisienses.

PREÇOS CONVINDATIVOS

ANECDOTAS FEMININAS

Viajava Edmond Rostand de Paris a Cambo em um wagon no qual tambem se encontrava uma elegantissima dama.

Desejando fumar, porém não querendo passar por



— Não te vejo mais com Paulita em parte alguma.
— Casel-me com ella.

(De "Buen Humor", Madrid).

grosseiro, interrogou á viajante :

— Consente em que eu fume? — Não vou incomodal-a?

A desconhecida fitou-o em silencio e tirando da bolsa um block-notes, escreveu:

"Cavalheiro. Não posso responder... Sou surda-muda. Se, como creio comprehender, deseja fumar, pode fazel-o; não me incomoda."

Rostand, vivamente impressionado, escreveu no mesmo bloco: "Senhora; muito obrigado por sua bondade. Queira accetar minha mais respeitosa homenagem de sympathia. Edmond Rostand".

Mezes depois, achando-se na Comedie Française, Rostand viu em um camarote a desconhecida do trem. Perguntou a um amigo:

— Sabes quem é aquella dama?...

— E' Mme. de ... Uma terrivel colleccionadora de... autographos. Tem, talvez, a melhor colleção do mundo.

DÊ NE BISE
OS SEUS PÉS...
O CALÇADO



ENCONTRA-SE
Nas principaes sapatarias

HOJE

PARQUE

HOJE

First National Vitaphone

APRESENTA

"Pelo Rio Nilo" e "Canção da Índia"Pelo Tenor **CHARLES HACKETT**

E' um romance lindo as scenas mais sensacionaes apresentadas no cinema fallado! Eis o que é este film da **FIRST NATIONAL VITAPHONE**



**O AMOR
NUNCA MORRE**

COM

Gary Cooper e Colleen Moore

para
você...

A

T

Ô

A

o o o

Explicar, por exemplo, arte moderna às pessoas do tempo do prof. Amoedo é tolice.

Completamente inutil.

Não faz effeito.

As pessoas do tempo do prof. Amoedo se zangam:

— Onde está a perspectiva deste quadro?

E fazem o que fez, outro dia, um cavalheiro indignado com a exposição de pintura moderna organizada pelos srs. Vicente do Rêgo Monteiro e Géo Charles.

Esclarecem que certos modernistas são doentes, degenerados, cocainomanos.

Esquecidos de que Baudelaire, Poe, Rimbaud eram peiores.

São os intransigentes.

Como o sr. Mario Mélo.

Mas ha outra classe de cavalheiros do tempo do prof. Amoedo.

Estes têm boa vontade

Querem explicações de cousas inacessíveis às suas intelligencias.

Não irritam demais.

Mas são ingenuos.

Chatos.

Assediam o artista:

— Que quer dizer isto?

— Qual é a significação daquillo?

Ahi é que o artista tem de ser um heroe.

Poucos sabem explicar.

Picasso soube.

Cicero Dias sabe.

Picasso foi, certa vez, interrogado por uma americanazinha diletante:

— Diga-me com franqueza, mr. Picasso, o senhor faz isso por uma simples "blague", não é?

E Picasso, fatigadissimo:

— Sem duvida, mademoiselle, por uma simples "blague"...

Cicero Dias é igualmente commodista:

— Isto não significa nada.

— Como?

— E' um desenho abstracto.

Os cavalheiros do tempo do prof. Amoedo ficam na mesma.

Mas se calam.

Não aborrecem mais.

E Cicero Dias vae tomar um aperitivo...

W I L L Y L E W I N

TREZE OPINIÕES SOBRE O CASAMENTO

1 A lua de mel é o maior perigo do matrimonio. De cem casamentos infelizes, noventa e nove o são por se ter tomado a serio a lua de mel. Nunca seria bastante batalhar pela suppressão ou, pelo menos, pela abreviação dessa especie de symphonia do matrimonio, que não se harmoniza com o resto da obra e costuma terminar com uma discordancia.

(JACINTO BENAVENTE)

* * *

2 A mulher é um bem adventicio. Não pertence ao numero de cousas que somente uma vez succedem: perdida uma, é possível encontrar outra melhor.

(SENECA)

* * *

3 A vida conjugal é um habito, um máo habito, sem duvida. Lamentamos, porém, a perda dos nossos máos habitos; talvez seja esta a perda que mais lamentamos, porque era uma parte essencial da nossa personalidade.

(OSCAR WILDE)

* * *

4 Frequentemente um homem de merito se converte no companheiro de um animal, ou então uma mulher discreta cae nas mãos de um imbecil.

(MACHIAVEL)

* * *

5 O matrimonio é uma armadilha que a natureza nos estende.

(SCHOPENHAUER)

* * *

6 Um presidiario é um dos raros seres que podem comprehender com quanta razão chamamos de "esposa" a mulher com a qual nos unimos.

(JOAQUIN BARTRINA)

* * *

7 Não creio que exista nada mais triste, para um homem, do que casar-se com uma mulher mais alta do que elle ou pertencente a uma classe social mais elevada.

(THACKERAY)

8 Muitos são os casamentos; poucos os deliciosos.

(LA ROCHEFOUCAULD)

* * *

9 Ha poucas mulheres tão derfeitas que impeçem o esposo de arrepende-se, pelo menos uma vez por dia, de ter uma esposa.

(LA BRUYÈRE)

* * *

10 A dois bons caractères unidos pelo casamento pode succeder o que acontece a dois excellentes vinhos misturados: não são mais do que uma beberagem.

(VARENNE)

* * *

11 O casamento é a pedra de toque dos caractères: frequentemente, o que se acreditava ser ouro é tão somente cobre.

(DUPUY)

* * *

12 De todas as cousas sérias, o casamento é a mais comica.

(BEAUMARCHAIS)

* * *

13 Para que o casamento seja feliz, a mulher deve ser cega e o homem, surdo.

(ALFONSO DE ARAGÓN)

~~~~~  
POEMA QUE EU FARIA SI TIVESSE UMA NAMORADA BONITA QUE ME DESSE PRESENTES CAROS NO DIA DO MEU ANNIVERSARIO...

*No dia dos meus annos, minha amada,  
eu lhe peço que não me dê presentes preciosos.  
Nada de perfumes finos,  
nem de escrivatinhas de prata,  
nem de livros em encadernações de luxo.*

*Nada disso.  
Os presentes caros  
parecem as ultimas lembranças que recebo da vida,  
eu, que vou tranquillamente me despedindo da vida...*

*No dia triste do meu anniversario  
eu quero, apenas de você,  
minha querida,  
um presente muito simples,  
e o mais precioso dos presentes:  
um sorriso muito bonito, muito doce,  
que me dê bem a impressão de que vou cada anno  
caminhando, para a infancia...*

Aurelio Buarque de Hollanda Ferreira



# diz-se...



O elegante militar foi um dos primeiros a chegar domingo ultimo, no Clube internacional, onde se deveria realizar a eleição de "Miss Pernambuco".

Tinha a certeza quasi absoluta da escolha da sua candidata.

Mas, apesar de toda essa certeza, continuou a fazer uma propaganda enorme.

Só não cabalou entre os membros do jury porque afinal era escandaloso.

No fim a sua decepção foi maior do que a certeza anterior.

Maior talvez do que a das candidatas vencidas pela graça espiritual de Mlle. Yolanda Santos.

\*\*\*

\* O "benjamim" da nossa imprensa diaria mostrou-se, a principio, bastante interessado pelo concurso de belleza.

Depois o seu entusiasmo foi diminuindo consideravelmente.

Afinal, nem mais cogitou do assumpto.

Por que?

Hoje todo o mundo já sabe.

O joven jornalista é de opinião que a belleza brasileira só se encontra no Sul.

E nem podia deixar de ser assim.

A sua "Miss Unica" não é sulista?

\*\*\*

\* O joven academico que voltou de Caranhuns com um punhado de photographias interessantissimas, onde sempre comparece aquelle sorriso bonito, voltou tambem com melhores côres e um sensível augmento de pêso.

Dizem os seus companheiros de férias que tudo se deve á temperatura baixa e ao leite puro da serra.

Mas nós achamos que amor tambem é bom p'ra saude.

\*\*\*

O sympathico "gymnasial" ficou ainda mais sympathico com a sua nova farda.

E é por isso mesmo que as suas jovens colleguinhas não o abandonam.

O pequeno gossó de prestigio, mas finge que se aborrece com as insinuações dos amigos.

O facto é que o sympathico gymnasial não se cansa de falar em conquistas difficeis.

Deante disso, os seus amigos estão organisando uma brincadeira innocente.

Que acha o sympathico gymnasial de alguns votozinhos enviados ao concurso de belleza infantil do "DIARIO DA TARDE"?

\*\*\*

\* Não ha duvida. É um facto o prestigio daquelle mocinho.

Cuatro dia commentay-se, numa roda de academicos de direito, o ultimo Concurso de Belleza que tanto agitou a vida mundana da cidade.

Alguem falou:

— Realmente, eu fui apresentado áquella "Miss" numa festa. Mas não pude dançar com ella.

Todos os rapazes presentes assediavam-na de uma maneira incrível.

E o mocinho, querendo tornar publica a sua intimidade com a linda creaturinha:

— Ora! Isso é porque vocês não fazem como eu. Comigo não "tem côpa não." Vou buscá-la pelo braço:

— Você "tem" de dançar commi-

\*\*\*

\* Mlle está seriamente arrependida da sua resolução.

Votadissima no concurso de belleza, chegou a ser classificada num dos nossos bairros mais elegantes.

Tinha, portanto, o direito de comparecer ao Jury.

E, quem sabe? Poderia até mesmo alcançar o titulo invejavel de "Miss Pernambuco".

No entanto Mlle. não quiz.

Allegou motivos religiosos e desistiu.

Agora, porém, está arrependida. Já o confessou ás suas amiguinhas mais intimas. Vive pensando que, a estas horas, poderia estar concedendo entrevistas aos jornaes, vendo a sua photographia nas paginas das revistas, etc.

Mlle. tem uma confiança absoluta na sua belleza...



A novidade é trazida pela *Vient de Paraitre*. A propria revista não esconde os seus entusiasmos por essa nova fórmula de literatura. E nem poderia escondel-o. Porque realmente ella aparece com ares de boa saúde e com uma grande vontade de envelhecer assim. Trata-se da literatura populista.

Hoje em França não ha uma só novidade poetica, literaria, social ou historica que não venha acompanhada de um ismo irritantissimo. O proprio sr. Waldemar Georges, talvez o critico de arte mais perfeito da França actual, ainda ha pouco, nos annunciava, com espalhafatos de reclame, haver descoberto o italianismo, uma cousa que não era nem D'Annunzio nem Marinetti.

Chefiam o rotulo populista André Thérive e Léon Lemonnier. O primeiro já como escriptor populista publicou recentemente "Le Charbon Ardent", que Leon Deffoux chama de "chef-d'œuvre". O segundo mais dedicado a critica com varios ensaios sobre Edgar Poe e a poesia de "avant-garde" publica "Enquêtes sur Baudelaire" onde o autor entre outras coisas mostra ter sido o dono dos "Fleurs du mal" terrivelmente pastichado por Mallarmé.

A divisa do populismo é mais ou menos esta: pintar o povo pelo methodo de observação directa. "Et ils peidront le peuple seulement".

O artigo de Ives Gaudon em que elle nos recommenda a leitura de

## LITERATURA OU MANIA ?

"Le Charbon Ardent" é fraco. E' possivel mesmo que a gente desarmada faça frente a elle com toda aquella artilheria que arranjou para defender-se. Bem que ha uma certa igualdade entre o que fez Zola e o que está fazendo Thérive. Isto é, entre o naturalismo e o populismo. Ninguém mais que Zola foi um populista exaltado e ninguém mais que elle confundia-se e auscultava o povo.

Está a prova em "La Curée" em "Son Excellence M. Rougon" e em "Pot-Baunille". O que não houve em Zola foi essa vontade de populismo que ha ultimamente em Thérive. O mesmo se deu com Huysmans em "A Rebours" e com os irmãos Goncourt em "Renée Mauperin" e "Le Charbon Ardent" houvesse apparecido a meio seculo André Thérive iria parecer a muita gente como um discípulo adeantado de Zola.

Houve somente etiquetas trocadas. A substancia da mala continuou a mesma. Está escripto em Gaudon. Em "Les Souffrances Perdues" e em "Sans Ame" já havia a mesma inquietude e a mesma aproximação com "Le Charbon Ardent".

PAULO MALTA FILHO

Um facto que vae a favor do que affirmo é Lemonnier dizer serem declaradas populistas as escriptoras Clarie Goel e Suzanne Normand, sendo que a primeira tão conhecida não tem em "Une Perle", seu melhor romance, nada de populismo e sim enrotulado por ella propria "le roman d'une bonne a tout paire". Assim é mesmo natural que venham tornar-se populistas todos aquellos que tiveram verdadeiramente esta preocupação: Assim estão no caso; Mac Orlan, Francis Carco, Georges Pillement etc., e os escriptores da guerra, Remarque, Bouget, Barbusse, F. J. Boujean, Andréas Satzko, Duhamel, etc., etc., que sem falar daquella porção de humanidade que possuem são obrigados a comprehensão directa dos factos.

Ora, quando Thérive publicou "Sans Ame" não havia ainda o populismo que elle e Lemonnier estão fazendo agora. E é justamente em "Sans Ame" que Ives Gaudon foi achar já traços da escola que agora adoptam.

Agora vejamos se isto pega. Pictoricamente eu creto que até agora não houve nenhuma manifestação neste sentido.

O mundo bem que já está enjoadado de futurismo, ultrismo, dadalismo, cubismo, surrealismo, etc., etc.

E' o caso de que, se não pegar, Lemonnier proclamará o andréthérismo...



As "Misses" aguardam a decisão do Jury

# Poema sem más intenções á terra illustre das Alagôas

Alagôas illustre de Tavares Bastos,  
de Deodoro,  
de Floriano,  
Salve!

Alagôas gostosa do sururú-em-conserva,  
Salve! salve!

Alagôas complicada dos pseudonymos litterarios:

**Barbaro Heliodoro,**  
**Jayme d' Altavilla,**  
**João Barafunda,**  
**Judas Isgorogotha,**  
Deus te faça feliz!

(O Gracindo não tinha pseudonymos,  
porém tinha talento por todos elles.  
Gigante bom.)

Dizem que o proprio Jorge de Lima  
era muito melhor quando assignava  
**O Accendedôr de Lampeões.**  
Besteira de Mário Mélo.

Eu gosto mais dos **Poemas**  
e do **Menino Impossivel...**  
Alagôas é o Mundo do Menino Impossivel  
que é o Jorge de Lima.

Um pseudonymo governa a terra.  
Mas o sr. Alvaro Paes é um novo Barbaro  
que nada tem de Heliodoro...

Porque deu vivas á fallecida  
**Alliança Liberal,**  
que até então parecia vender saúde,  
um pobre syrio (jura p'ra Deus!  
teve que dar, na praça publica,  
metade do bigode p'ra policia...

Bem feito.  
Que diabo têm que vêr os gringos.  
Com a politica brasileira?

Alagôas romantica do Pae do Zê Auto,  
onde, o Adalberto Marroquim escreveu um soneto,  
que é a coisa mais linda que já se disse, em verso,  
a respeito de Antonio Nobre,  
Salve!

Alagôas paradisiaca da Pajussara...  
Praia maravilhosa,  
um dia eu sou capaz de ir, mesmo a pé,  
tomar um banho de mar contigo...

Alagôas historica do Cel. Craveiro Costa,  
Alagôas juridico-philosophica do Dr. Pontes de Miranda,  
Alagôas academica do poeta Goulart de Andrade  
(quem foi que fallou aqui em D. Albertina Bertha?)  
Alagôas brilhante do Guedes de Miranda  
e do Auryno Maciel,  
Alagôas fecunda dos **novissimos** batutas  
que brotam como sururús  
e fazem safra em **P'ra Você,**  
illustre Alagôas, salve!

Salve! ainda mais, porém, três vezes, salve! - hip! hip!  
[hip! hurrah!]

Alagôas amorosa e bohemia  
onde se foi azylar, depois que rompeu commigo,  
(meu Deus, eu tinha então 20 annos!),  
certa loirinha archidolente  
que quasi me estraga a vida  
e me **bateu,** quando partiu,  
o primeiro relógio  
que eu possuí.

Primeiro e ultimo felizmente...

J O ã O - D A - R U A - N O V A

# O MOÇO DO VIOLINO

Conto de CARLOS PAURILIO

Appareceu na tarde nublada so-  
braçando o violino. Ninguém o ha-  
via visto nunca nessa cidadezinha.  
Tinha o rosto oval e pallido. Os  
olhos claros pareciam cheios de dis-  
tancias. Devia ter viajado muito,  
conhecido innumeradas cidades, e ama-  
do muito, soffrido muito tambem.  
Curiosos desse moço estranho, os  
passantes pararam e formaram roda  
para escutal-o.

Levou o instrumento sob o queixo  
e passou-lhe lentamente o arco, de  
olhos fechados. Uma doçura exte-  
ma sahiu das cordas e roçou de leve  
os ouvidos. Tocava com tanto sen-  
timento que o violino era como a  
fala de seu proprio coração.

Primeiro, foi uma musica dolente,  
que deixou uma suave tristeza di-  
luida no ar. Mas, abrindo os olhos,  
elle descobriu crianças em meio á  
multidão, e logo improvisou ciran-  
das ingenuas e as crianças conten-  
tes começaram a cirandar. Quem  
notaria nessa doce cantiga algum  
sentido doloroso? Entanto, estava  
a evocar a sua infancia morta.

Tocou mais quatro ou cinco arias,  
romanças e outras melodias, que tal-  
vez fossem memorias de antigos  
sonhos. Depois, a bandeja estendida  
aos freguezes se encheu. Alguns  
pagaram sem reclamar. Era um  
mendigo. Viera não se sabia don-  
de... E o seu violino pagava bem  
as esmolas.

O moço ficou alguns instantes  
parado, com um ar longinquo de  
quem está ausente de si mesmo. E  
os seus olhos claros se encheram de  
mais distancias... Lembrava: Uma  
vez, no palacio dum conde, essa mes-  
ma rabeça emocionou muitos nobres.  
Relembrava: Havia tocado uma aris  
tão terna, que uma dama se levanta-  
ra irresistivelmente e o beijara  
nos labios, á vista de todos. Sim;  
outrora, o violino tinha falado de  
amor por elle. Agora, o ajudava  
a mendigar.

Novamente fechou os olhos para  
tocar. Mas, quando tangeu o arco,  
um cão poz-se em frente delle, atten-  
to, com ar de entendido. E, como si  
estivesse no proposito de lhe atra-  
palhar a vida, começou a latir. O  
moço tocava e o cão latia. As no-  
tas suavissimas eram abafadas pe-  
los latidos asperos. A assistencia, a  
principio se aborreceu, depois achou  
muita graça nesse desafio divertido.

Elle calou o violino, parou com  
a musica de seus sonhos murchos,  
com uma desesperação grande no  
intimo. O cão calou tambem, como  
si estivesse apparecido alli com o  
fito unico de aperreal-o, de insult-  
tal-o. Decidiu continuar tocando. E  
o cão outra vez se fez ouvir numa  
furia de ganidos, que o deixaram  
vexado e triste. Elle não tocava  
somente para encher a bandeja. Era  
tambem para si mesmo, para esque-  
cer... ou para lembrar...

Estalaram gargalhadas. A assis-  
tencia principiou a gozar um bom  
espectaculo. E o rosto do moço tor-  
nou-se mais pallido, suavizou-se

numa expressão de immensa doçura.

O cão parecia ter conquistado a  
sympathia do publico. Era peque-  
no, pêlo negro e luzidio, e sacudia  
a cauda dum modo especial, como si  
estivesse vaiando. Em seus olhi-  
nhos vivos dir-se-ia haver uns vis-  
lumbres de intelligencia.

O moço teimou em tocar. Mas  
ninguem escutava a sua terna ra-  
beca, que embalde martyrisava com  
o arco, doudamente. Agora, nao era  
só o cão que ladrava. A turoa toda  
ria e gargalhava. No auge do de-

(Termina na pagina 39)



Connie Braz da Cunha (Miss Pernambuco 1929) e Yolanda Santos (Miss Pernambuco 1930)



# convicções

I

**A VIDA** — Quando eu era menino tinha vertigens fantásticas de grandeza. Sonhava todo o tempo com um título burguez de bacharel tirado ali no "Grupo Escolar do doutor Netto Campêlo..."

Pensava muito na minha vida. Muito mesmo. Agora você vem a dizer q...

pensar na vida é uma enormíssima tolice.

Mas você não tem razão. Pensar é uma capa beatífica de besteira. E a vida só é muito bonita quando a gente a vive fazendo besteiras...

II

**COCKTAIL** — Américo de Oliveira é meu amigo. Entretanto, antes de ser meu amigo, ele é um bellissimo poeta

e escreve coisas perfeitamente próprias de quem tem sensibilidade.

O Américo escreveu que "a Rua Nova do Recife, aos sabados é um palco de teatro".

Eu não. Eu não penso assim. Ela é apenas, uma confeitaria elegantíssima. Por lá passam meninas de olhos virados e boca suave, que têm nos lábios deliciosíssimos bombons ingleses...

Você, por exemplo, coisinha loira é impossível, você não pôde ser uma simples atriz de palco...

No mínimo, no menor de todos os elogios ao seu corpinho de boneca, você é o COCKTAIL mais inquieto e agitado dessas tardes agitadas e inquietas...

III

**RIQUEZA** — Num cofre de ébano, enfeitado de sonhos, eu coloquei a coleção completa de todos os meus amôres. Era o patrimonio feliz da minha grande fortuna. Outro dia, abri-o ansioso, para vêr a minha riqueza...

Os meus dêdos nervosos sentiram o contacto extranho de recordações suavíssimas...

Eu sou um arqui-millionario de saudades!

IV

**FELICIDADE** — O menino pobre, de pernas finas, roupas sujas e rasgadas que vendia jornaes na rua, não sabia o que era ser feliz...

O menino pobre que vendia todas as folhas do dia nunca tinha visto o seu nome nos jornaes. Ele se julgava por isso o garôto mais triste e mais desgraçado da cidade...

Um dia, numa madrugada erma e fria, encontraram o menino pobre, morto, de boca aberta, deitado numa esquina...

Nessa tarde os jornaes deram a noticia...

O menino pobre foi feliz, ao menos, desta vez!...

V

**CONSAGRAÇÃO** — A minha namorada, uma pequena cinematografica com ares de Colleen Moore, acha que eu sou o melhor poeta do mundo...

Muita gente pensa que eu sou simplesmente um besta.

Eu estou satisfetissimo com o antagonismo das opiniões. A minha namorada tem muito mais autoridade do que qualquer critico de arte...

VI

**AMOR** — Como todo rapaz que possui essa coisinha engraçada que chamam "alma" eu tive um grande amor côr de ilusão. Um amor diferente lirico. Romantico. Com um desejo anarquizado de acabar no altar.

A minha namorada tinha o elegante vicio cinematografico de me dar a sua boca para beijar de vez em quando...

Ela dizia que o amor era isso... Uma coisa muito interessante o amor!



Yolanda Santos, você é linda ! Tire muitas photographias como esta...

# O propheta Krishna- murti enquanto po- sava para Bourdelle

(Trad. de "P'ra Você")



*Pouco levado a serio, a principio, este phantastico Messias, educado por uma senhora mystica e um tanto aloucada, acabou por interessar os mais altos espiritos occidentaes. Joven e intelligente, conseguiu milhares de adeptos no Velho Continente. Em seguida partiu definitivamente para a India, não sem posar para o grande escultor Antonio Bourdelle, já morto, que, além de uma cabeça magistral, traçou-lhe uma bella e synthetica silhueta literaria.*

O ESTUDO de uma figura tão elevada como a de Krishnamurti é essencialmente subjugador. Todos os seus traços são estranhos aos nossos olhos, seus angulos pertencem a outra raça. Este seu rosto é um fructo tão puro do velho tronco hindú, tão mysterioso e profundo, que o compasso occidental treme nas suas politas.

\* Acabrunhado por outros trabalhos, difficilmente pude emprehender esta obra. Havia lido, porém, muito antes do meu estudo, o pensamento simples e, por consequencia, sobrehumano escripto por Krishnamurti.

\* Logrei encontrar sobre os seus traços, os angulos, as curvas tão nobres do chefe bronzeado, do joven philosopho, toda a luz de bondade, toda a suprema luminosidade do decisivo bem-estar social que elle anela por trazer ao mundo.

\* Dispunhamos de poucos instantes livres; porém nas horas de trabalho, senti toda a suprema grandeza de um homem que os nossos olhos de occidentaes ainda vêem joven, e que, para os iniciados, conta muitas existencias de provações, muitas vidas de preparação e de sacrificio.

\* Krishnamurti dá a sua vida. Absoluto desinteressado, inclina para todas as claridades da sua alma, a totalidade das suas experiencias, todas as flores das suas provas, tendo afastado a amargura para longe de si.

\* Krishnamurti vive somente para a offerenda da sua vida; respira sobre a terra para que a paz se faça em nós outros; para que só domine um espirito, o unico reino do altruismo estabelecido entre todos os humanos, e que ultrapassa os homens e elle deseja que se contenha nelles.

\* O caracter estranho da sua doçura, a simplicidade de Krishna é o espectáculo mais commovedor. Elle é como a gloria renunciada; baptiza toda a raça humana de claridade; conduz os vagabundos ao verdadeiro caminho.

\* Nasce de Krishnamurti uma luz nova e calma que nenhuma sombra pode velar.

\* E si a batalha faz-se visível aos seus olhos onde fulgura a benevolencia, e si o péso da visão divina angustia o seu corpo fragil, basta-lhe pensar nos outros para que o Unico, o Inefavel brilhe no seu coração.

\* Vi muito bem o sorriso dos mundos de graça do grande hindú. Nós, occidentaes, estamos afastados da alma oriental, das suas visões e das suas certezas. Ha, entre a sua e a nossa alma, tantas fronteiras de nações, tantas fronteiras de pensamentos, tanta sciencia e tanto saber oppostos!

\* Todas as nossas artes procedem do Oriente; entretanto, a massa, a multidão, paulatinamente esqueceu as grandes fontes veneraveis que da India nos chegam.

\* Krishnamurti é uma synthese viva das grandes e antiquissimas correntes do saber oriental.

Filho de uma grande familia da casta dos Brahamanes, Krishnamurti funde as suas vistas em todas as leis que nós ignoramos.

\* Krishnamurti, tranquillo, traça a sua róta. Só sabe pregar com o exemplo. Os que o vêem pôr em acção a sua poderosa doçura não o abandonam jamais do pensamento.

\* Krishnamurti é o mensageiro das leis de uma humanidade livre. Afastado das paixões do mundo, defende a arte pelas suas relações com a verdade.

\* Puro e pulchro na sua pessoa, deseja a formosa hygiene, tanto a do corpo e das roupas, como a do espirito. Deseja sobretudo o afastamento do nosso EU mesquinho. O egoismo é o grande peccado que elle quizera ver longe das nossas almas.

\* Vejo Krishnamurti deante de mim, tal qual uma fonte offerecida e, entretanto, pouco accessivel, que deante de nós crea o seu Divino Crystal.

ANTONIO

BOURDELLE



Quando a noite desce sobre a collina verde, quando a brisa macia agita levemente as folhas dos coqueiros, Olinda vai dormir pensando n'um sonho bonito: Yolanda Santos...

# O TESTAMENTO DO POETA

FRANCIS JAMMES

Este é o meu testamento:

Lego à minha mulher a sombra de minha humilde casa, mais resoante de grilos que de moedas de ouro, e os filhos que ela me deu com perigo de sua própria vida e á custa de grandes provações; e ainda para que use como colar, o unico que possuirá, as lacrimas que derramei, em egredo, quando uma febre abrasadora e delirante a poz ás portas da morte; e quando imaginamos que a

nossa pequenina Maria ia ficar aleijada. Louvado seja Deus! Nada mais resta dessas provações, sinão na igreja de S. Luis, de Pau, sobre uma placa de marmore, o testemunho desses dois milagres.

Transporto-me e esta época em que estava tão sobrecarregado.

O quarto da doente era illuminado pelo clarão morrente de um fim de tarde outonal; lia eu um livro sobre S. Paulo esperando o começo do deli-

rio que ha já quasi um mês a perseguia e no decorrer do qual ouvi-a chamar os nossos filhos. Pelas suas vcias, em taes momentos circulavam lavas incandescentes. Tive com Deus cntão colloquios muito intimos, pois tratava-se de consentir no sacrificio. Lego-lhe o espirito christão que nós adquirimos juntos, e recordação da prece em commum, quando põe em relevo a sombra dos patrões, das crianças e dos servos ajoelhados. Tenha eu que abandona-la immediatamente ou daqui muitos anos, é preciso que ela saiba que eu voltarei para a prece do anoitecer. Estarei como de costume, na frente dela, muito perto do crucifixo que me deu no nosso noivado e que pendurou no mesmo prego em que está o berloque de coral das Antilhas de meu pae.

Este berloque, quando eu morrer, ela o porá entre as minhas mãos junto com o rosario que uso neste momento e a minha pequena cruz de viagem.

Lego a meu filho mais velho, Paulo, um ramo dessas lindas flores de ouro vulgarmente chamadas "cuidados" — qual o pai que não teve cuidados — a respeito desse que, bem moço ainda, talvez o tenha que substituir?

Chamo-as de ouro, porque é tambem de ouro o seu coração. E tambem lhe lego a nossa oração do anoitecer.

Lego a meu segundo filho, Miguel, os retratos que aqui faço dele:

O primeiro, quando tinha quatro annos, num dia de implacavel azul, dum azul tal que os seus olhos tambem azues se confundam absolutamente com o espaço indeciso e com as azas azues de um gaio que ele apanhara na beira de um rio do campo de Orthez. Um chapéu de palha, redondo, quasi invisivel pelo excesso de luz, o cureolava.

O segundo retrato, com a idade de treze annos, representa-o lindo como no primeiro, com o uniforme azul dos Jesuitas e um boné que lhe fica muito largo, pois que o trocára por engano com o de um dos camaradas. Tem botões dourados, barro nos sapatos e algumas manchas na blusa do uniforme.

Lego-lhe tambem o meu odre de caça, pois que ele gosta de vinho, e um lindo catalogo de flores, mais a cabana para fazer a sesta.

Se não tem como seu irmão Paulo o amor pelas linguas mortas, acho que não se sentirá humilhado em cultivar legumes e flores: mas em cada mês de maio oferecerá lindos ramos á Virgem Maria.

Lego-lhe minhas sementes de melão d'agua, desse fruto recortado, que lembra a lua humida e rosea; desse fruto em cujas fatias tanto ele gosta de aplicar o labio humido e rosado de criança ainda.

Lego a Bernardete, minha filha mais velha, a ultima caneta com que me tiver servido, pois que durante algum tempo ella foi a minha apli-



Yolanda Santos e Glauce Pinto



cada secretaria em nossa solidão. E, com esta caneta, a regua que está em cima da mesa, em signal da retidão que mostra sempre na classe que dá aos pequenos da vila quando a professora está ausente.

A' Menoela por apelido Nela, cujas fantasias têm reflexos multicores como os peixes, lego meu canço e anzol que conheceu todos os tons de luz e sombra sobre as aguas. Lego-lhe o cesto dos peixes onde ela e eu levavamos a nossa merenda para saborear nas margens do Alegria, tão melancolico, apesar do nome, no fim das grandes férias.

Lego-lhe ainda, no caso dele me sobreviver um dos meus gatos, aquele a que dei o nome de **Carnaval de Veneza**, por traz uma mascara de veludo preto, natural, em torno dos olhos e que se prolonga até o focinho.

Tem muita vivacidade a independencia de carater e é um pouco arisco, e uma doçura disfarçada e uma pata de veludo.

Lego-lhe, — mas aonde o encontraremos a não ser no paraíso dos insetos?? — as borboletas que ela perseguia quando contava quatro anos sobre a imensa e deserta praia de Landes ericada de cardos de um pallido azul.

Lego-lhe minha concha de S. Jaques para que beba com ela a agua pura e se lembre que seu pai foi um pobre peregrino, cujos canticos não foram todos compreendidos, e o rosario usado, rebentado e remendado com barbante do nosso anjo da guarda, o R. P. Teodoro, morto em Vitalles.

Lego-lhe, enfim, minha gratidão pelos bons conselhos que deu a seu irmão Paulo que a ama e que ela tanto quer. Que um e outro quando vierem ao meu encontro no céu — Deus assim o queira — se aproximem como faziam quando tinham quinze anos, lado a lado, na estrada de Itxasson, toda incendiada de coraes de cerejas.

Lego á minha filha Maria o rosario suspenso á minha cabeceira sob a face do divino Redentor.

Lego-lhe a lembrança de uma palavra que ela pronunciou quando, milagrosamente resurgiu do tumulo; direita e alegre me disse em face do vale Feliz, no azul do meio dia que nos submergia: "O' que lindo pa'is!"

Lego tambem o seu nome claro como a agua de Lurdes que a curou, sua linda simplicidade, sua candura inteligente, sua alegria, sua bondade, sua travessura, seus olhos negros como as uvas de Espanha, seus labios bem vermelhos, seus cabelos bem pretos, um galho de funcho do mar que colhi num rochedo da fronteira, o profundo rumor rouco, imperioso do sino de Fontaribia.

Lego á minha loirinha e pequena Anna que caminha como os gatos este bichano que nos segue pelas aléas, roçando-se e ronronando; e os botões de ouro e as margaridas e as violetas dos canteiros que tanto ela gosta de colher e o passaro azul que



Que é que a gente escreve aqui, debaixo deste retrato?  
A gente não escreve nada. Fica olhando...  
Deliciadamente...

cantará no roseo peceguelro no mês de março.

E uma gravura que encontrarão no meu livro de resas e que mostra muitas meninas tomando a comunhão aureoladas de miosotis.

A' Francisca, por apelido Morena, deixo o meu aprumo, meu olhar e a confiança em si mesma. Com a graça de Deus isso lhe servirá na vida.

Lego-lhe enfim a gaiola dos grilos que me deu a boa professora de matematica do liceu de Toulouse para que os escute cantar quando não queira prestar ouvidos ás pessoas que lhe calham.

Escrito e assinado do meu proprio punho em Hasparren aos 14 dias do mês de março de 198.

Francis Jammes



Nenita Argo de Alarcon, Yolanda Santos e Glauce Pinto, após o julgamento

# PATA COADAS

## INSTALAÇÃO DE UMA

### COMARCA

Antigamente a instalação de uma comarca dava um trabalho! Era preciso que o Julz de Direito tivesse uma paciência fóra do comum.

Indo instalar a comarca de Japlapôca, o dr. Gonçalves de Azevedo notou que no primeiro dia de Jury, os jurados compareceram, uns de roupa preta e gravata, mas sem collarinho; outros de collarinho sem gravata e ainda outros mettidos em ternos de brim, sem gravata nem collarinho...

Abriendo a sessão, proferiu um discurso em voz pausada do "primeira autoridade da Comarca", terminando com esta tirada:

— "Senhores Jurados! Esta casa é o Templo da Justiça, em que os Julzes sois vós. Eu aqui no Jury não sou mais que um presidente dos vossos trabalhos.

Sendo este um Tribunal Popular e vós os Julzes, de vós vir melhor vestidos.

Deveis comparecer nos trajes com que aos domingos ideis à Missa".

No outro dia, chegando um pouco estrazado, encontrou os jurados todos de opa e tocheiras nas mãos...

### VEREADOR

#### ZELOSO

Esta se deu na terra do dr. Pereira Lima.

Um illustre sacerdote, precisando tratar-se, procurou os ares de Franca talvez os melhores do Estado.

Em pouco tempo sua Revdm. estava rechonchudo e corado, transbordante de saude.

Habilidoso e inteligente, quiz deixar assignalada a sua passagem por aquella progressista e magnifica cidade. Construiu na praça principal, um relógio de sol, verdadeira obra de arte, que lá se ostenta; obra unica em todo o Estado.

Concluida a obra, na primeira sessão da Camara, un vereador fez a seguinte indicação:

"Considerando que o sol e a chuva podem vir a prejudicar seriamente o relógio de sol verdadeira obra de arte, indico que a Camara mande cobri-lo quanto antes com abrigo artistico, de accordo com a obra".

## SE FO' HO'ME

Quando, numa fazenda, um camarada ou colono, se implica com o visinho, o melhor mudar um delles para outra "colonia".

Zé Geroncio de ha multi-vivia de "ponta" com o Salustiano. Não "cortavam junto" de jeito nenhum. Viviam de provocações e piadinhas.

Certo dia a Cambraia, vacca leiteira do Salustiano, enfiando a cabeça por um vão de cerca, poz-se a trusquilar as couves do Zé.

Zé Geroncio, passando a mão num cabo de machado, rrumou uma cacetada na Cambraia, quebrando-lhe um chifre.

A "coisa" ferveu e foram ás pressas, chamar o Administrador, afim de evitar um "rolo".

E enquanto este procurava harmonizar as coisas, o Salustiano bufava, ameaçador.

— Esse cachorro quebró o chifre de mea vacca, mais num é home pra quebrá o meu.

### CAIU NO

#### ARTIGO

Quem quizer ver o calpira chelo de importancia é eleva-o de "Quarteirão" a suplente de sub-delegado e passar-lhe a vara, em tempo de festa no povoado.

Zé Geroncio, assumindo a vara de Delegado de Policia de Japirusu, nas festas da padroeira, envergou seu terno de "diagonal" preto, quebrou o chapéo na testa, empunhou o porrete e dirigiu-se ao cinema, um barracão de tábuas e zinco afim de presidir ao espectáculo...

Festou-se á porta todo chelo de importancia, cuspiendo pros lados, borrifando o publico.

Que fazer? Elle era o Delegado...

— Océis agora s'bra os ollos cummigo canalada! Teretê... táco o cacete - é o dia de cadeia... Doter formado num presta pra otoridade... E "botou" o péão stravancando a porta.

Um calpira-uvu, desses grandalhões, melo arcados, calçando um bruto sapatão, entrou desastadamente, pisou no pé do Delegado.

— Tá preso! Calu no Artigo! E é no suffragante... Dezoito dia de cadeia!

— Mais...  
— Tá preso... Pisó no pé do Lei!...

## NO ELEVADOR

João Matoso, saboclo grandalhão e barrigudo, desses que abotoam as calças por baixo da barriga, veio a S. Paulo e foi procurar um medico instalado num quarto andar.

Ao tomar o elevador, perguntou-lhe o encarregado:

— Que andar deseja?  
— Não sendo trote qualquer marcha serve...

## O QUE NÃO

### SERA...

Esta é veridica.

Em Tietê passava-se a annunciadissima fita "O Inferno de Dante".

Calpiras do Rio Abaixo, do Garcia do S. Bento, do Mato-Dentro, das Pederneiras e dos Sete-Fogões, affluiram ao Cinema, atrapalhando a vida do Zé Soares, na bilheteria, pois todos queriam a "passagem" ao mesmo tempo.

Ac serem passadas, na tela as horripilantes scenas dantescas, um calpira commentou:

— Que coisa horrive.  
— E imagine vamcê que esse é o inferno de dante... O que num será o de hoje in dia...

## E' MIO'

Quando appareceram os primeiros automoveis no sertão a impressão foi formidavel, especialmente quando elles surgiam, á noite, nos planaltos, e descampados, de pharões acesos.

Houve criminosos que se entregaram á prisão, por terem visto o "Satanal" de olhos acesos a campear-os em seus esconderijos.

Hoje já não ha mais disso. Conversando com um sertanejo, entre Sacramento e Araxá, commentava elle:

— A primeira veis que pareceu um Timóte aqui, um intrevado, na estrada, largô as muleta e carpiu no pé...

Eu tava na bera da estrada só espiano, quando o Timóte, impacô... Um dos home lidô o'lelle oito de tempo!

O companheiro delle se zangô-se, garrô na lata de "brazilina" e tocô de ua veis...

Ah! Moço... Quando o tá sintiu a "brazilina", os home já tava in riba! E' bicho vélo! Deu uns arranco e sahíu traquenno fumaça pra estrada á fóra!

Intãoce eu vi que, pra desimpacá Timóte, num tern

cumo "brazilina"... E' mió que fornecida!

## DUVIDA

Doces e obedientes quando tratados com carinho, os calpiras respeitam toda e qualquer prohibição.

O "E' PROHIBIDO" é um caso sério para elles.

Viajando pela primeira vez em carro de primeira classe na "Ingleza", um calpira me perguntou que é que estava escripto sobre a porta do vagão.

— "E' PROHIBIDO ATIRAR OBJECTOS PELA JANELLA".

— Nhor-stm. Notel que o homem, depois de fumar um cigarro macôta, ficara todo atrapalhado.

— Que é que ha?  
— Que má lê pergunte... Toco de cigarro será objecto?

## CONHEÇO!

Em certa cidade do Ramal de Itararé a agitada a politica.

O P. R. P. não podia perder a eleição de forma alguma, porque, na forma do costume, os dois partidos se degladiavam e se exterminavam para apolar o Governo.

Cada um queria ser mais governista que outro, o que até hoje ainda se dá...

Reunidos os chefes, em casa do Chéfão, compareceram tambem os cabos eleitoraes calpiras.

Dentre elles havia um que tinha a mania de conhecer a todo o mundo.

— Ruy Barbosa...  
— Conheço.  
— O Seabra...  
— Conheço muito!  
— Chamberlain...  
— Conheço demais.

Esse camarada era o que mais falava nessa reunião, em que se esperava uma resposta do governo, a um pedido de cem soldados, para amparar na eleição o prestigio do partido.

Bateram á porta.

Era o mensageiro com um telegramma para o Chéfão, que o abriu ás pressas, enquanto um genro assignava o recibo.

Pezava o telegramma, que o homem leu triumphante: "Segue força — Official idoneo".

— O Idóneo! gritou o calpira — Conheço muito! Conheci elle quando era cabo no Bury!

Témo garantido!

# a paisagem triste duma rua centro de cidade

A rua onde mora aquella menina  
 Não tem lampiões... Não tem arvores. E' calçada.  
 A todo instante passam bonds super-lofados,  
 e automoveis com a escapação aberta,  
 e jornaleiros, camelots,  
 — gente humilde mas damnada pra gritar —

E' assim a rua onde mora aquella menina,  
 aquella menina — ritmo emolliente  
 de uma modinha brasileira —  
 que veio morar nos meus olhos,  
 enquanto eu fui morar nos olhos della...  
 Aquella menina devia ser o encanto  
 de uma ruazinha anonyma de arrabalde,  
 cheias de sombras, esquecida, socegada...

De uma rua triste como um verso de Ribeiro Couto

De uma rua diferente  
 dessa rua caixeiro viajante,  
 em que venho e vou pausadamente  
 pra lá e pra cá, como um guarda-nocturno,  
 olhando dentro dos seus olhos  
 porque seus olhos,  
 cheios de socego sentimental e grave,  
 cheios de humilde tranquillidade,  
 são uma paisagem triste de suburbio  
 nessa rua centro de cidade...

l u i s a l v e s

o l i n d a

## PERNAMBUCANOS NO RIO



Um lindo grupo  
 de banhistas de  
 Copacabana, no  
 posto 4, espe-  
 rando a hora do  
 mergulho...







Domingo 27, realizou-se a eleição de Miss Pernambuco. Os membros do jury não conheciam Yolanda Santos, Miss Olinda. Estavam reunidos no primeiro andar do Club Internacional, esperando a chegada de todas as concorrentes. Foi quando Yolanda Santos appareceu. Pequenina, fragil. Mas harmoniosissima. Com um vestido maravilhoso.

Valdemar Cavalcanti é um amigo que eu tenho em Maceió. Este numero de "P'ra Você" publica uma chronica de Valdemar, dedicada ás mulheres pequeninas e frageis. "Leves e lindas como uma offerenda lyrica de Tagore." "Flexiveis como uma musmê". Com um nome desses: "Manhã de Sol", "Ou Luar de Janeiro". Eu tenho mais estes nomes de musmê pequenina: Passaro-das-Montanhas-Sagradas. Ou Florzinha-Morena-que-se-Debruça-Sobre-os-Lagos-Silenciosos. P'ra Yolanda Santos, Miss Pernambuco. Este é o elogio de Miss Pernambuco. Pequenina, fragil, harmoniosissima. Recife deve juntar um punhado de flores para coróar a cabecinha morena de Yolanda Santos. Sómente flores. Não é preciso fazer discurso...

W I L L Y



Glauce Pinto obteve o segundo lugar deante do Jury que presidiu a escolha de Miss Pernambuco. "P'ra Você" já disse o que tinha de dizer sobre Glauce Pinto: Ella é morena e bonita como esta terra tostada de sol. Ella tem uns olhos grandes e luminosos como este céu...



Nenita Argo de Alarcon tem os cabellos claros, um lindo sorriso e foi a terceira collocada na eleição de "miss Pernambuco"





A parada das "Misses..."

## CONFIDENCIA

(Do Diário de uma garota ingenua)

Hontem, quando você sahi, deixando as minhas mãos impregnadas do perfume das suas mãos, nos meus ouvidos o som de "Cabôca Apaixonada" cantada muito em surdina pela sua voz de garotinho crescido, eu, embalada ainda pelas suas lindas mentiras, fiquei muito tempo contemplando a sua sombra que ia muito devagarinho desaparecendo dos meus olhos

Depois, quasi sem querer, olhei o ceu.

Como a noite estava linda!

O ceu era um grande toldo negro, salpicado de pedacinhos de ouro, que brilhavam sem cessar.

De repente, um desses pedacinhos, o menor talvez, atirou-se numa corrida dóida pelo espaço á fora...

Como no tempo de creança, juntei as mãos e pedi muito depressa fara ser attendida : — Que o seu coração, um dia, fosse todo meu !

MARLUCE.

## As duas bandeiras

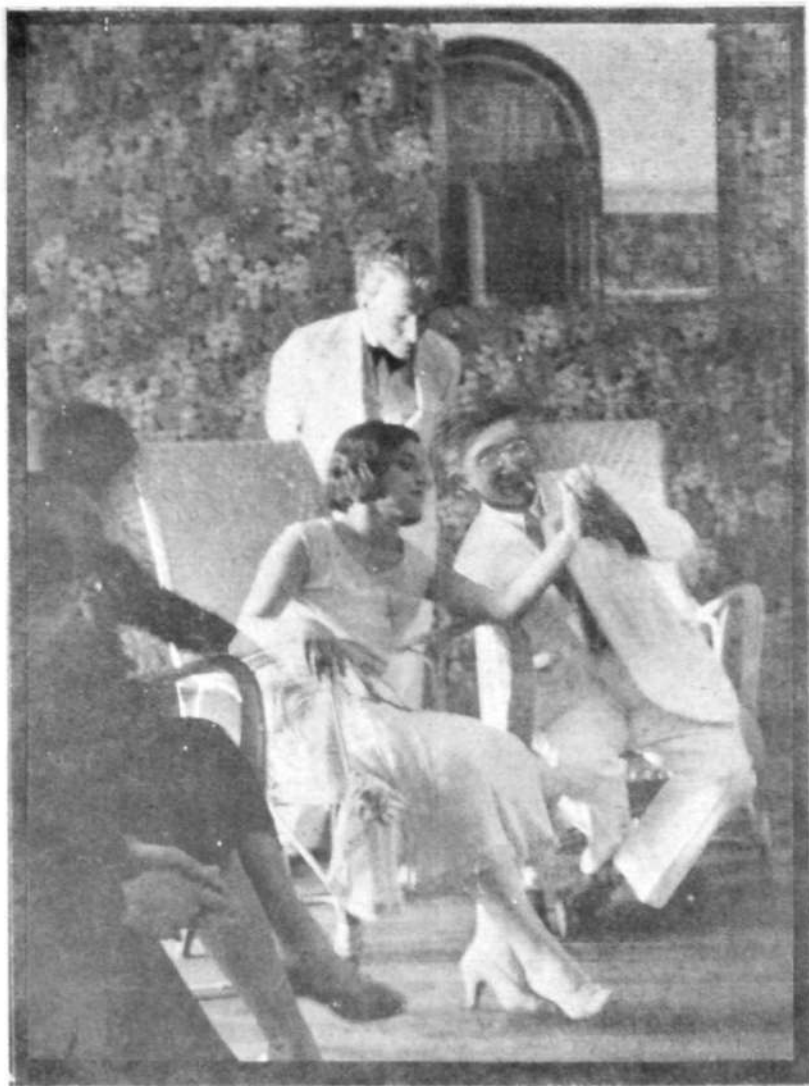
(P'ro WILLY)

Tua bocca vermelha  
De fructa  
E' uma bandeira  
Avisando perigo...  
Avisando de longe  
O precipicio  
Do teu corpo branco  
O desastre lindo  
Dos teus olhos vêrdes...  
Eu vi a bandeira  
Vermelha de longe  
Segui sem parar  
Correndo, cahindo  
Cheguei.  
Beije a bandeira  
Morrendo, sorrindo  
E vi bem de perto  
(Teus olhos bem grandes  
a bandeira bem vêrde)  
De "Pôde passar"...

Hoje só vejo de longe  
Teus olhos bem vêrdes  
Dizendo que eu passe...

PELOPIDAS GRACINDO.

Mario Mélo não é apenas uma autoridade em questões historicas e vocabulos indigenas, É tambem um chiromante temível. Eil-o, aqui, descobrindo os segredos sentimentaes de Miss Pernambuco



# A S O C I E D A D E

## FEIRA

## DE

## SORRISOS

Ella estava lendo, entre rapazes, os versos de um poeta moderno:

"Ella parece quatro linhas tortas de uma silhueta esguia de pavão".

— Meu Deus, que barbaridade! Si o meu namorado me elogiasse desta maneira, eu dava-lhe o "fôra" immediatamente.

Eis ahí. E' porisso que "our babies" não supportam os artistas modernos, que as pintam de maneira ádiversa da habitual e não usam as banalidades lyricas que ellas estão acostumadas a ouvir, entre dois "fox-trots", e a lêr nos seus albuns côr de rosa.

Mas ó que "our babies" precisam saber é que os artistas modernos



menino Fernando da Cruz Gouvêa, filho do sr. José da Cruz Gouvêa e de Dona Miquelina da Cruz Gouvêa

(poetas, pintores, esculptores) gostam de deformar a natureza e possuem o privilegio de crear uma realidade para uso proprio.

A "Femme á la Biche" de Vicente do Régo Monteiro seria horrivel si passasse pela Rua Nova...

JEAN

## ANNIVERSARIOS

### DIA 3: —

Dr. Francisco Cornello da Fonseca  
Lima

Sr. Manoel Bandeira.  
Senhorinha Bayuara de Britto.  
Senhora Laura Lima Caldas.  
Sr. Abelardo Barretto.

### DIA 4: —

Sr. João Cardoso Ayres Filho.  
Senhora Eulina Vidal Bezerra.  
Dr. Alfredo Costa.  
Senhorinha Caecilia Lima.  
Menino Nelson Silva.

### DIA 5: —

Sr. Antonio Ribeiro de Almeida.  
Sra. Thereza Duarte Robalinho.  
Sra. Idalina Paes Barretto.  
Menino Oscar Barros.

### DIA 6: —

Frel Joaquim de São João, do Convento da Penha.  
Sr. Antonio Pessoa de Queiroz.  
Sra. Maria Clementina Pereira.

### DIA 7: —

Senador Gilberto Amado.  
Senhora Alayde Vasconellos.  
Sr. Estelliano Bezerra.

### DIA 8: —

Dr. Alcides Codeceira.  
Dr. José Semeano das Mercês.  
Senhora Julietta Seve.  
Senhorinha Maria Adélaide Feltosa.

### DIA 9: —

Sr. Euclides Gaspar Mendes.

Sr. Mario Felix de Lima.  
Senhorinha Heloisa Mafra.  
Senhora Aurea de Medeiros Silva.

## AUSTRO COSTA

Faz annos amanhã o poeta Austro Costa, que é uma sensibilidade das mais interessantes e uma expressão legitima da nova poesia pernambucana. "P'ra Você" abraça o seu querido collaborador.

## NOIVADOS

Estão noivos a senhorinha Connie Braz da Cunha e o dr. Antonio Menezes Sobrinho, figuras do mais alto relevo na Sociedade Pernambucana.

## CLUB NAUTICO CAPIBARIBE

### "Festa da Cangica"

Auspicia-se brilhante a festa typica sertaneja que o Club Nautico Capibaribe pretende realizar na vespera de S. Pedro, 28 de junho proximo.

Ha um grande entusiasmo entre os innumerados associados do velho e prestigioso Club sportivo.



Octaviano de Oliveira Dias, uma das creanças mais votadas no Concurso de Belleza Infantil do "Diario da Tarde"



O Jury que elegeu "Miss Pernambuco"  
DEPOIS DO JULGAMENTO



"Misses", membros do Jury e o grande público que enchia o salão do  
Club Internacional

# Uma manhã inútil

(Trad. "P'ra você") Por Hector I. Eandi

O céu azul da tarde torna-se infinito sobre o pequeno povoado. Um começo de noite principia a desagregar as coisas, cujo coração vai ficando deserto.

Na porta do boliche está Pilon. Apoiado num humbral, rumina seu aborrecimento de não haver bebido. Não encontrou uma moeda sequer para convertel-a em alcool. E seria tão bom "tomar á tarde"! Em seu pensamento, atravez da noite que cãe, a idea do novo dia de trabalho contrahia-o.

Seu olhar vazio naufraga, por entre as sombras nascentes, inútil erano suas mãos mergulhadas nos bolsos.

Carlos olha-o, e sua imagem turvese no meio de recordações.

Dois garotos perambulam pela rua deserta. Um delles approxima-se do operario de olhar ausente:

— Pilon — diz — dá-me dez centavos?

— Heim? O que? Ah! — raciocina Pilon — Não tenho; não tenho nada!

— Sim, Pilon, como não tens? Dá-me...

— Mas não! Digo-te que não... e mostra-lhe os bolsos vazios. Porém os olhos de Pilon iluminam-se de prompto. Coisa estupenda! Num bolso esquecido, encontrou uma moeda. Rapidamente penetra no boliche. Desde a porta vai gritando: um absintho! E seus olhos esquecem a noite proxima, o doloroso dia de trabalho que se seguirá e o garoto que todavia ali está, boquiaberto...

Apoiado no palanque — uma barra de ferro, quatro postes — Carlos olha os meninos perplexos e sorri. E assim fica com o extremo do sorriso adherido á commissura dos labios. Agora a noite se lhe approxima, confiante. Uma mão de recordações acaricia-lhe a fronte; as cidades...

Em outra parte anoiteceu as cidades... Os olhos iluminados de suas janelas perscrutam a noite; e o homem, pequenino, procura a casa, a guardia, o cubiculo. Em outra parte... As cidades...

Entretanto a noite certa sua esfera de trevas sobre o povoado, acaninhado, no seu pequeno rincão de pampo agrícola e cosmopolita. Então elle caminha na noite e se sente livre. Livre na noite que o permite ser como uma coisa qualquer.

Carlos! Elle proprio diz o seu nome. Carlos: esta é sua realidade, para os demais e para si proprio. Pensa num aspecto qualquer do seu ser: esse é Carlos; em outro totalmente distincto, e tambem esse é Carlos. Toda a sua completa realidade se lhe ilumina, synthetizada nessa palavra salvadora. Se não fóra ella, como reuniria os aspectos dissemelhantes que o integram?

A's vezes sentimo-nos donos de nossa realidade, da realidade de nosso ser sentimo-nos viver no mundo, e o mundo adquire um sentido para o nosso

ser. Porém para isso é necessario um pretexto, um nome, uma palavra, uma recordação que nos fixe no tempo e nos dê um lugar no espaço.

No meio de tudo, que solidão! pensa Porém precisamente quando penosente que uma presença está a ponto de se lhe approximar. Olha em redor, e a noite alcança sua solidão nu'a. Botri e recorda:

"Na beira-mar via chorando em outras tardes"...

Sorri recorda, e já não está só. O gesto parece alcançar-lhe uma presença, sempre a mesma...

Balbuza, atravez de um sorriso: "A' beira-mar a vi"... A expressão opéra o milagre, pela intensidade de possessão visual que nella existe. Já

não está só. Alguem, como sahido da noite, caminha a seu lado.

— Como tardaste — censura, gosando sua fresca alegria — Tanto te custou saber que eu estava aqui? Calas; todavia não eras toda tu. Até pare meus sentidos eras só uma semi-presença.

Olha-a demoradamente, e murmura palavras ardentes, que vão trasladando a paixão da sua alma para a della, para fazer-lhe uma presença mais proxima. Presença de paixão. Assim poderia ser ella, ella dos seus vestidos de outros dias. Approxima-se mais, porém não alcança completamente a vizinhança do seu corpo.

— E' a noite — murmura elle — é a noite, já sei, tu sempre a temes-



Mario Mélo lê a mão de Mlle. Yolanda Gama. O jornalista Carlos Rios toma nota num caderninho...



te; por isso eu tinha para ti uma manhã encerrada no meu peito. Porém aqui não é possível; as manhãs são immensas de claridade e de distância; têm uma alma de planícies. Impossível de abarcar; temo diluir-me nellas, em sua claridade fria, em seu desapiedado olhar, que não conhece coisas estranháveis. Por isso não tenho para ti uma manhã como dantes; porém não deixes de voltar, eu dar-te-ei claridade com um amanhecer de todo o meu coração; eu conheço tuas luzes e as suas penumbras de tuas sombrias olheiras. Não deixes de vir! Tudo sabes? tudo... Canções e também... Por aqui é certo o trabalho... Ah, caramba, sempre estes ferros amontoados no caminho! Sim, o chasquear do eco do galpão da barraca. Galpão de zinco, seu eco chasqueia como um latego, porque será?...

O homem está na porta da estação. Empurra uns ferros empilhados, um montão de calções, e marcha ao largo do galpão que lhe envia um eco resfolegante, raro, como sempre, porque é assim o eco do galpão.

A noite já está madura redonda e da noite o pharol rubro do telegrapho negra como uma uva. A estação dorme orfã de trens. Lá além, no fundo véla a insomniã do marco, sentinella de pé ante a morte que viaja de trem.

O homem percorre automaticamente o caminho costumado e chega ás habitações dos empregados. Atraz da porta, um homem, o brilho frio de um punhal e um grito abafado:

— Tu, Carlos! — e o punhal se detem junto ao peito do homem que entra.

— Heim? Como? Eu, sim, sou eu, porém que é isto, Gabriel?

— Nada, cala-te. Pensei que fosse Romero.

Os dois homens olham-se em silencio. Uma turvação de crime vela-lhos o olhar Gabriel osculta o punhal, porém não pôde dissimular a expressão de odio que lhe crispa a cara rude de italiano meridional.

Carlos senta-se na cama de Romero e leva um momento para voltar a si.

— Gabriel, porque tudo isto, heim? — diz nervoso.

Sentado em sua cama, perturbado, Gabriel não responde. Carlos imagina as coisas. Conhece a permanente rivalidade que existe entre Gabriel, filho de calabrezes, e Romero, hespanhol, um rapaz alegre e bem disposto.

Sabe-o, sim, porém nunca poderia imaginar...

— Por que, Gabriel? — torna a perguntar.

— Por nada. Tenho que matar-o. Humilhou-me, e tenho que matar-o. Não o posso mais supportar.

— Matal-o, Gabriel? Porém, viste-o bem? Viste como elle vive?

— Sim, como um vagabundo. Como ti goza; é um porco — contesta Gabriel, sombrio com o punhal outra vez entre as mãos. Carlos toma-lhe a arma e arroj-a sobre a cama. Parece vir através das paredes quando diz:

— Não, não o viste bem, Romero vive mais do que todos nós, na claridade, na substancia das horas. O dia te regosija quando elle o reflecte em seus olhos. Tem alguma coisa de divino...



Os jornalistas Mario Mélo, Carlos Rios, Salvador Nigro e o pintor Mario Nunes, membros do jury, trocam impressões

Falou como para si mesmo. O outro escutou-o sem comprehender.

— Não digas tolices — interrompe Gabriel com desprezo. — E' um pouco e nada mais. E Maria não será deise apezar de todas as suas fanfarroneias de "gallego" pretencioso.

— ... Vive como um deus — continua dizendo Carlos —; está no meio da vida, e a claridade canta em seus olhos. Ah, elle sim pode ter, toda sua, uma manhã...

— O que? que estás dizendo? — interrompe outra vez Gabriel.

— Heim? Nada, nada — replica Carlos precipitadamente. — Senta-se junto a Gabriel e fala-lhe suavemente:

— Não o vaes matar, não é verdade? Olha o cutelo, que lamina clara tem! Nella pôde reflectir-se o sol, como nos crystaes das janellas; do mesmo modo que nas cidades, quando amanhece, e o dia vaes entrando pelas clarabóias.

— Qual cidade, nem qual sol, nenhuma, pareces tonto, tu também! Vaes dormir, anda; deixa-me. Já começa a m tuas coisas...

— Sim com minhas coisas... Se tu roubasses Gabriel! Olho-te, vês? Aqui, aqui dentro, tns o coração e parece mentira.

— Não te deitas? — diz Gabriel para terminar.

— Não. Safo — diz Carlos indifferentemente. — Restá-me um pedaço de noite para percorrer.

— Anda, anda — termina Gabriel com gesto despetado. Porém, em seguida, salta da cama, agarra Carlos por um braço e diz-lhe, olhando-o como se quizesse incrustar-lhe as palavras no solhos:

— Cuidado, heim! Nem uma palavra, porque senão...

Oh, lá fóra, a noite! Cortinados de noite, morbidas telas do repouso, que nenhum vento de crime pôde agitar! Que bem desliza por ella a paixão, e como canta no coxim do silencio nocturno a recordação dos olhos dormidos! E todavia sobram caminhos para os passos que não deixam pegadas. Passos sem ruido que vão junto de Carlos...

(Continua na pagina 30)

## Como se fosse um Poema para as mulheres pequeninas e frageis

Eu tenho medo das mulheres grandes.

E das mulheres celebres.

As grandes mulheres são como os bondes: muito bonitas, muito uteis, mas comprar quem hade?

Só no amor é que as mulheres deveriam ser grandes.

As mulheres celebres fazem do coração um hotel para turistas.

E seu amor é mais complicado ainda que uma theoria de Freud.

Eu gosto é das mulheres pequeninas e frageis.

Dessas mulheres leves e lindas como uma offerenda lyrica de Tagore.

Como filhas da imaginação exotica de um pintor oriental.

Eu gostaria muito de amar um corpozinho flexivel de musmê como que emigrado do pais dos crisantemos,

Um corpozinho que mettesse inveja às petalas.

Eu chamaria ao meu amor um nome bem delicado.

Manhã-de-sol, por exemplo.

Ou então Luar-de-Janeiro.

Amor é assim, gente.

Qual !

Vocês não sabem o encanto que ha na fragilidade feminina...

Eu vou procurar uma mulher bem miudinha para querer bem.

Fragil...

Um jarro japonês para enfeitar a sala de um bangalô moderno.

Pequenina...

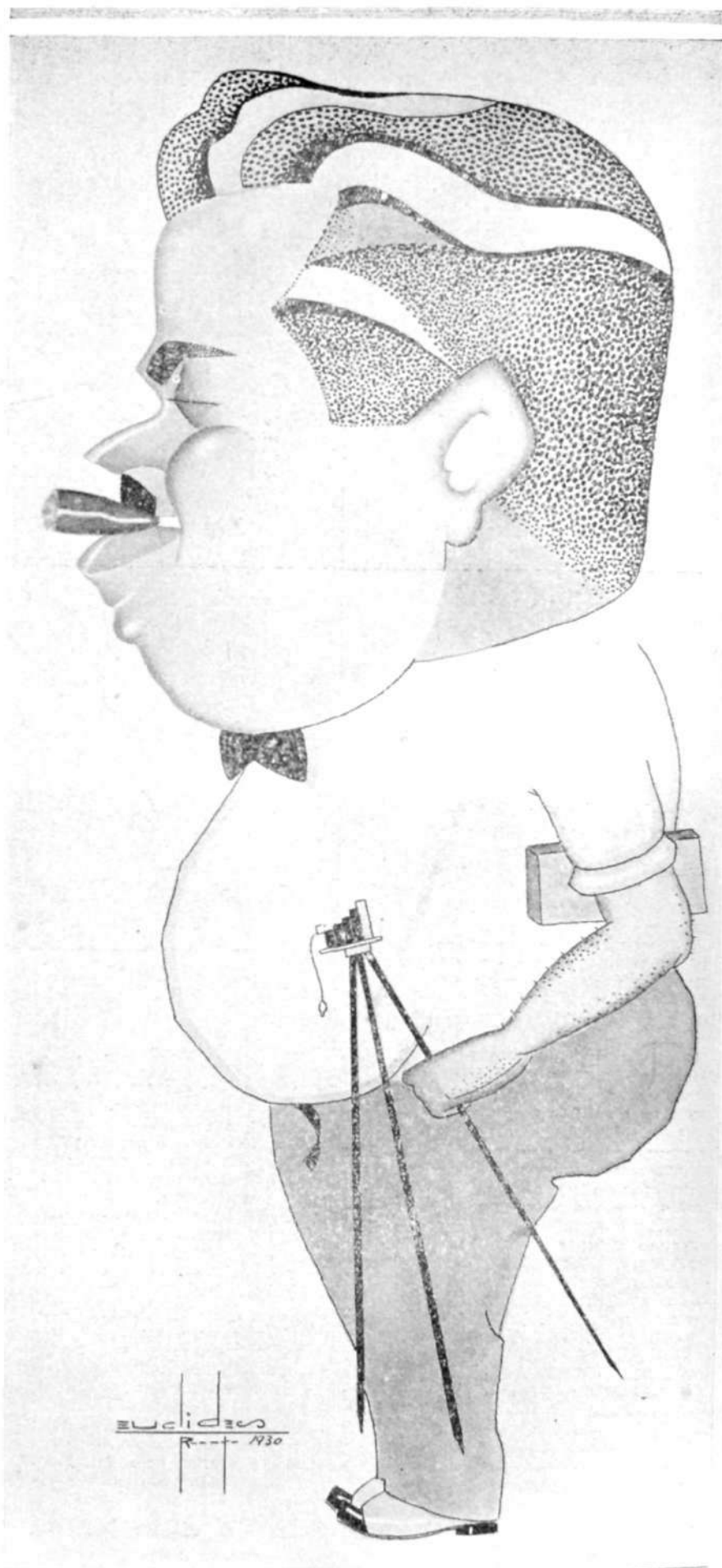
Com um coração bem pechitinho onde só haja lugar pro meu amor...

valdemar cavalcanti

---

**F. Rebello não sabe tirar uma photographia com o auxilio exclusivo da sua objectiva. O papel principal é desempenhado pela sua sensibilidade finissima.**

**Assim elle faz aquellas maravilhas que todo o Recife está habituado a admirar.**





Um desenho de Nestor



A ultima festa do Club Nautico Capibaribe

## Uma manhã inutil

CONTINUAÇÃO

los, acompanhando-o, e com elles, mais proxima, quasi certa, uma presença.

— Gosto do teu empenho em estar sempre a meu lado — diz elle — porém comprehendo que tenhas podido perder a redondez do teu rosto de Dôr e que tuas curvas errem na noite de astros frios; que ainda não haja terminado o naufragio em que se fundiu tu voz, e que as velas busquem sempre teus gestos no mundo do ar. Comprehendo... Porém não importa, se sempre assim, participa da minha trajectoria; alguma vez coincidiremos numa claridade que nos conjugue. Talvez eu mesmo...

— Quem vem lá! — grita uma voz, e um homem surge ao seu lado, com a mão na cintura.

— Heim? Ah! Sou eu, Romero, não te assustes.

— E com quem las falando?

— Falando? Eu? Não homem, não. Sim, não falava. Talvez cantarolasse alguma canção. Tu sabes que...

— Sim, sim, já sei: tua cabeça...

— Periga menos do que a tua.

— Oh! eu tenho-a bem firme!

— Sim; porém a vida é como um passaro, sabes? rapida, boa.

Romero approximou-se e mirou-olhos com um olhar violento:

— Fala claro — diz, sacudindo-o — que queres dizer?

— Gabriel espera-te para matar-te. Estive com elle antes de sahir para prevenir-te.

— Ah, sim? Crês que elle terá coragem?

— Sei lá! E' um typo sombrio, capaz de qualquer coisa.

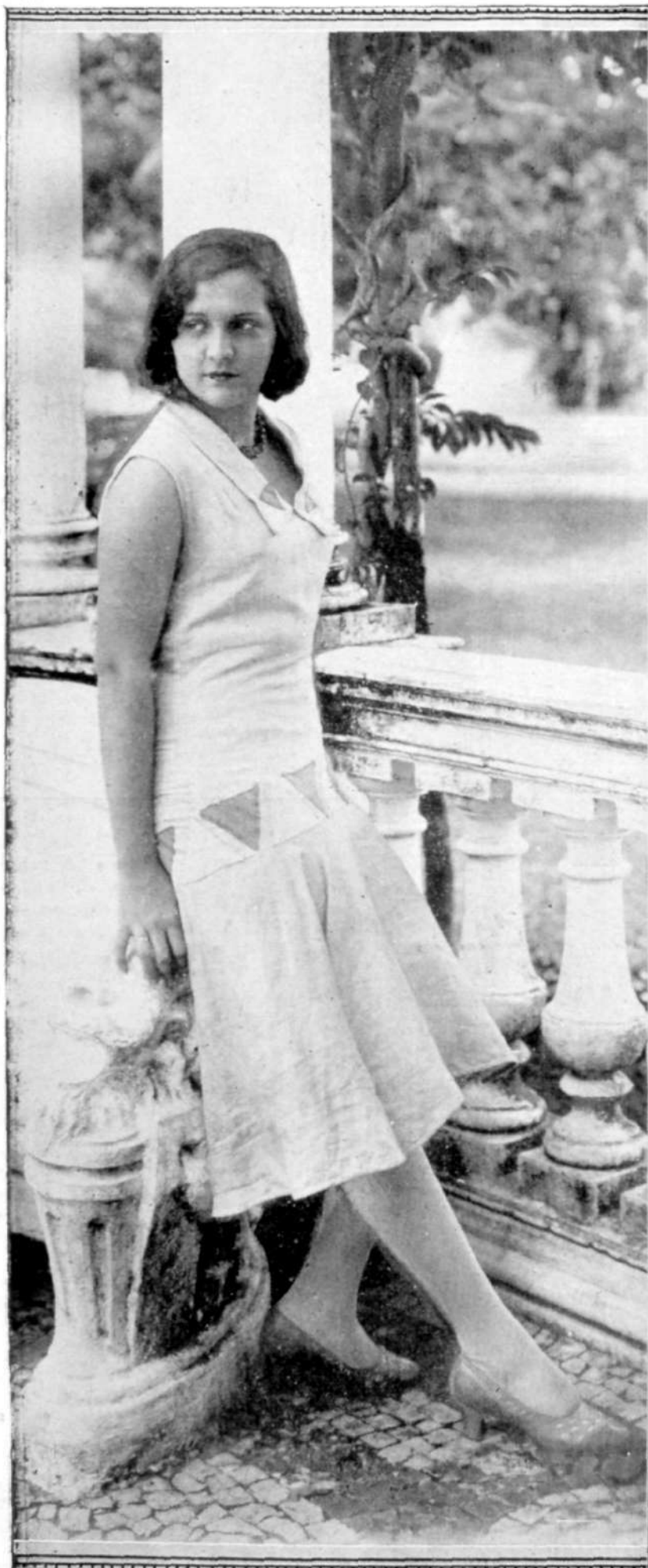
Romero ri e com ar de galhofa:

— Ora, diz, a mim não mata um magarefe como este.

Os dois homens se calam. Em silencio começam a andar adivinhando, na noite, o caminho habitual. A noite está pobre de estrellas e profunda de silencio. Passam junto do embarcadero da fazenda; chega até elles um acre odor de esterco. Depois o ar fresco da noite, que vai passando a mão pelas coisas adormecidas.

Carlos sente ao seu lado, sem dissimulações possiveis, a inquietude do homem que marcha até onde, talvez, o espere a morte. Parece-lhe perceber as pancadas do coração valente e franco de Romero, como contando-lhe os segundos de sua propria vida. Enquanto caminham, Carlos pensa: Amanhã será um novo dia. "Um novo dia para todos", diz o povo; porém não é assim. Pra alguns já não será esse dia, como se o tempo se tivesse esquecido delles (o tempo por elles esquecido...) Para os mortos e para os vivos o tempo não passa; as recordações são vida morta. O tempo, na realidade, só existe para o nosso porvir.

"A' beira-mar eu vi, chorando em outras tardes"... "Minha mãe morreu no dia 28 de outubro..." Para tudo isso não passa o tempo. O tempo decaes recordação e dessa interrupção de



Yolanda  
Gama



vida esta immobilizado em mim. E eu vou bordejando a possibilidade de uma presença, com esse tempo morto...

— Deve ser tarde — diz Romero. — E' tempo de nos recohermos. Amanhã tenho que tomar serviço.

— E' tempo... Amanhã... murmura Carlos.

— Que dizes?

— Nada. Olha; melhor que eu vá na frente e entre primeiro, sabes?, assim Gabriel...

— Bom, bom, como queiras; anda logo — consente Romero com ar de quem quer ser indifferente.

Carlos se adianta em passo rapido. Outra vez o montão de ferros, o olho acceso do telegrapho atalhando a morte no passo em nivel, e o eco resfolegante do galpão de zinco. Seu passo, o de Romero, tambem despertarão esse eco, dentro de um momento, pensa Carlos, porém quiçá pela ultima vez. Talvez amanhã já se haja congelado o tempo no coração sem ritmo de Romero.

Já deante da porta do quarto, sente Carlos um medo atroz que o paralyza.

O que está atraz da porta já não é Gabriel, é a morte, a extinctora de dias, a dona do silencio que não volta, que fixa os homens no tempo, convertidos em recordação. Impulsionado pelo rumor dos passos de Romero, que se aproxima, Carlos empurra a porta e entra. Gabriel dorme vestido. A mão do medo se suavisa um pouco no coração de Carlos.

Os dois homens se deitam. Romero em sua cama, defronte de Gabriel; Carlos no quarto contiguo.

Apagam as luzes e Carlos sente que a noite cerra-se sobre elles, penetra-lhes o corpo com a respiração. Sem pensamento amplia o gesto entre as ceccas, e o homem sente a terra gyrendo e deslizando em sua orbita arrojada no espaço, com suas vidas, suas tristezas, seus crimes, suas alegrias. O silencio insinua-se cautelosamente trepa pelas telhas e zumbe-lhe nos vidros, vampiro dos ecos. Agil e silencioso como um reptil, surge de prompto, e chega-lhe a canção da embriaguez ternecida de Pilón:

Deux canards deployaient sur atlas  
cousc, cousc, couac!

Carlos sorri e recorda a scena dessa tarde, em frente ao bolliche. Atravez dessa recordação elle olha sua vida naquella estreito povoado, pobre, desesperançado. E entra, com gesto indagador por todas as suas sensações, assombrado de não saber porque está naquella terra toda margeada. Esta palavra reconduz-lhe o pensamento extraviado: "A" beira-mar a vi, chorundo..." E' certo; é certo. Ha uma presença que o segue. Porém, quando? E se esta atmosphera de crime a afastar? Perdido em idéas vagas, Carlos adormece longo tempo.

Despertam-no, de madrugada, um rumor de luta e vozes abafadas que veem do outro quarto.

Salta da cama e fica immovel, gelado apunhala Romero na cama. A defesa do homem deitado e já ferido é oeil e neficaz. Quando o ferido cãe sobre a cama afogado em sangue, Gabriel surge com o cutello na mão.

Carlos ainda permanece immovel. Romero olha-o e move os labios sem pronunciar palavra. Olha-o! como o olha.

(Termina na pagina 40)

## A ESCOLHA DE "MISS PERNAMBUCO"



As concurrentes ao titulo posam para a nossa objectiva

## D. Parahyba

...D. Parahyba, a visita que lhe fiz foi muito curta, um dia só, mas, mesmo de relance, eu vejo bem; gostei de sua singeleza, de sua simplicidade.—A snra. me lembra uma moça gentil, que não usa "rouge", nem "baton", nem "crème". Gostei das fitas azues de suas praias: Tambau' cheia de leques verdes de coqueiros, vaidosa de suas casas bonitas, apontando lá longe o cabo Branco; praia Formosa — mais escondida, mais além, como a prender zelosa os veranistas n'um pouso quieto, n'um verdadeiro descanso... Vi tambem suas praças, seus jardins, a grande imagem daquella Virgem tão bonita, ornada de rosas, que se ergue defronte ao collegio das Neves, tão conhecido. Passei em Trincheiras — o bairro elegante que a snra. possui e onde cada casa guarda um jardim florido. Apreciei tambem da cidade alta o seu crepusculo suave, envolvendo e cobrindo os rios, as lagôas, os longes azues... — Franqueza; a snra. é poetica e muito bonitinha D. Parahyba... tambem, — perdoe o bairrismo: a snra. limita com a minha Recife!...

Therezinha Caldas

25-4-930

# c i n e m a

## A estreia de Chaplin na America

Chester Street perto de Kennington Cross lembra muitas coisas a Charlie. Foi lá que elle brincou quando creança; é lá que se encontra a loja do cabellereiro onde elle costumava encher de espuma os queixos barbados e ler livros da collecção de dois vintens, com uma incursão, de tempos em tempos, nos dominios de Dickens.

Foi lá ainda que elle reviu o estabulo onde, quando lhe faltava dinheiro, podia obter uma hospedagem gratis. Perto do estabulo vê-se um velho canno todo enferrujado e fazendo agua por todos os lados. Charlie pretende ser este canno no qual elle fazia suas abluções de manhã cedo.

Não julgo peccar por indiscreção quando affirmo que Charlie Chaplin não ficou bem impressionado pela Inglaterra quando voltou a visitar, ha alguns annos, os logares da sua infancia. As ruas miseraveis que cercam Lambeth e Kennington fizeram-n'o estremecer; elle contava encontrar esta parte de Londres transformada e cheia de casas bem construidas para a gente pobre. Em vez disto encontrou ruas mais deprimentes ainda, mais sujas, e as casas mais arruinadas.

—Se eu ficasse aqui — disse Chaplin — sei que voltaria ao que era. Disseram-me que a guerra tinha transformado a Inglaterra — tinha supprimido as fronteiras e as linhas de separação. Não é verdade. Tudo está como no tempo da minha mocidade. "Custei, entretanto, a me habituar com a vida americana.

"Foi em 1910 que desembarquei com a troupe Kasno onde eu era a primeira figura.

"Nunca esquecerei a minha emoção quando nosso navio encostou nas docas de New-York. Eramos quatorze jovens inglezes, estou certo, porém, que eu era o mais emocionado de todos. Tive a brusca intuição de que conheceria meu destino sobre essa nova terra. Senti tão vivamente essa especie de aviso interior que não me pude impedir de confial-o aos camaradas com a emphase e a arrogancia da juventude. Exclamei mostrando-lhes a cidade:

—America, toma cuidado, eu venho te conquistar!

"Não sei se verdadeiramente conquistei a America, mas minha intuição não me enganou porque foi bem nos Estados Unidos que minha vida mudou bruscamente de rumo, guiou-me para o cinema onde eu me devia realizar plenamente.

"Depois de ter durante alguns dias representado um novo sketch do qual esperavamos muito repetimos o nosso velho successo: *Uma noite num music-hall inglez*. Antes

de ter tomado esta prudente resolução, recebemos com nosso outro sketch um frio acolhimento por parte dos americanos.

"Foi no Colonial Theatre de New-York que pela primeira vez affrontei este novo publico, tão differente do publico inglez e europeu.

"Stan Laurel, meu velho camarada, que fez desde então uma tão bella carreira nos films e que, de resto, ainda não cessou de fazer nr os publicos dos dois mundos com o seu socio Oliver Hardy, acompanhou-me em todos esses annos de vida errante.

"Partilhavamos, quasi sempre, o mesmo quarto — quando as finanças eram escassas.

"A's vezes mesmo preparavamos

nosso proprio almoço no quarto do hotel, bem que isto fosse expressamente prohibido.

"Stan Laurel e eu sahiamos nonchalantemente, como *gentlemen* que vão ao seu club, e menos de um quarto de hora depois, passavamos deante do porteiro com o bifeck num bolso, o pão no outro, e Laurel tinha mesmo descoberto que a caixa do seu relógio era um optimo esconderijo para o sal.

Fechavamos a porta á chave, tomando bem o cuidado de cobrir com um papel ou com um lenço o buraco da fechadura. Desprendiamos uma lampada electrica e ligavamos o fio do nosso pequeno fogão ao logar desoccupado.

(Continua na pagina 39)



Carlito, dragão, em "Carmen"

## c i n e m a

## DIXIE LEE

E' OUTRA GRACIOSA ESTRELLA DE FOLLIES DE 1929, O FILME QUE ESTREARÁ O FOX MOVIE-TONE NO RECIFE

Dixie Lee, que revolucionou o mundo dos "fans" após a sua aparição em FOLLIES DE 1929, o filme que vai inaugurar a temporada das produções sonoras da FOX-FILM, em Recife, é a deliciosa lourinha que viu a luz do



em 4 de Novembro de 1909, em Harriman, Tenn., U. S. A.

Os dados completos de sua biographia balizam no espaço devido talvez a sua juventude irradiar-se agora, em pleno auge da carreira que brilhantemente abraçou.

Entretanto não furtamo-nos ao prazer de informar que Dixie recebeu a sua educação primaria em New Orleans, onde ingressou e terminou condecoradamente o curso na Sophie Wright School, na mesma cidade.

Em 1925 com a sua familia, foi para Chicago, sendo que no anno seguinte entrava para o palco, onde obteve ruidoso successo nos mais afamados theatres da Broadway notadamente na revista VARSITY DRAG, cantando e dançando o numero Good News.

Desde aquelle instante, os magníficos começaram a reparar na sua belleza e na sua voz muito crystallina e meiga. Marcel Silver, affamado "revue director", resolveu convidar-a para abelibrantar o formidavel FOX MOVIE-TONE FOLLIES DE 1929, o maior e mais estupendo exito cinematographico.

Miss Lee cantou com muito sentimento e com uma arte muito pessoal, o maravilhoso numero Why Can't I Be Like You?, que foi o sufficiente para assegurar-lhe um futuro bellissimo na nova arte dos "singing pictures" e tanto assim que os melhores directo-

res da FOX — empresa que a contratou por longo tempo — disputam-na por saberm de antemão o valor da sua voz e immensidade de sua velle artistica, tão bem reveladas na sua primeira appareição na tela.

E ainda não apagada a magnifica e doce impressão deixada em FOLLIES DE 1929, eis que surge-nos uma noticia de Hollywood, enviada por Mr. Winfield Sheehan, de que Miss Lee vai apparecer-nos dentro de um "cast" soberbo, na pellicula NEW ORLEANS FROLIC e não nos admiraremos que a linda Dixie Lee consiga roubar desta constellação invejavel, uma grande parte, para si, das glorias, da belleza e dos encantos somente cantando, falando e dansando... com aquella mesma arte muito sua, tal como acontece em FOLLIES DE 1929, que deixará immensas e gratissimas saudades de sua encantadora arte e de sua graciosa figura...

\*\*\*

### A linguagem do lenço em um film da Paramount

De ha muito relegada ao esquecimento, a linguagem do lenço, como as escripturas conformes e os hieroglyphos egypcios, só hoje apparece com alguma referencia litteraria ou nos verbetes pouco consultados das encyclopedias. E' verdadeiramente uma "lingua morta", posta fóra de circulação pela mais impenitente sanha do progresso.

Mas era do telephone, com essa facilidade assombrosa de se dizer cousas de amor a milhares de leguas de distancia, não ha lugar, convenhamos, para esse gracioso semaphorico dos lenços, que foi outr'ora de tão relevante assistencia aos namorados de todos os paizes.

Hoja, enquanto na escola são os nossos filhos, ainda garotos, obrigados a aprender o systema telegraphico de Morse, aprendiam as mocinhas de outr'ora, no silencio emocionante das alcovas, os signaes dessa linguagem graciosa que tinham a vantagem de se expressar por phrases.

Que tristeza não experimentar'am os peralvilhos do "Portugal do Seculo XVIII" ou as sinhásinhas de saias de balão do Rio do tempo de Maciel Pinheiro, se voltassem á vida, hoje, no reinado fulgurante das flappers, em que a pequena enlaça o namorado pelo braço e vai com elle por ahi á dizer e ouvir o que bem quer. Quanta liberdade, sim, porém, que falta das subtilidades de outr'ora!...

Mas o cinema, com esse poder quasi sobrenatural de reviver o passado, trouxe-nos agora, com a apresentação de Maurice Chevalier em Innocentes de Paris, um romance de tonalidades delicadas, não lhe faltando sequer as entrevistas furtadas aos olhares pater-

nos, do alto das janellas, como faziam as nossas namoradas de antanho. E ahi, pela força da necessidade, surgiu novamente a linguagem do lenço.

Por mera curiosidade, pois já não ha hoje, na idade do automovel, quem se occupe desses cousas, incluímos aqui algumas phrases do curioso lexico:

- 1.º — Passar o lenço pela bocca: — Desejo falar-te. (Como poderel fazer-o?)
- 2.º — Passal-o sobre os olhos: — Tu me aborreces!
- 3.º — Pegal-o pelo centro: — Não tenhas tanta pressa! (Aonde vas?)
- 4.º — Deixal-o cahir: — Gostas de mim?
- 5.º — Enrolal-o entre as mãos — Indifferença.
- 6.º — Apertal-o dentro da mão fechada: — Eu te detesto!



7.º — Passal-o sobre o rosto: — Eu te amo! (E's um anjo de condura!)

8.º — Deixal-o sobre a face esquerda: — "Não!"

9.º — O mesmo signal do lado direito: — "Sim"

10.º — Dobral-o: — Desejo encontrar-me contigo.

11.º — Atiral-o ao hombro: — Querres seguir-me?

12.º — Passal-o sobre a testa: — Alguem nos está vendo!

13.º — Collocal-o por traz da orelha direita: — Estás differente (já não és a mesma!)

14.º — Collocal-o sobre os olhos: — E's cruel!

15.º — Enrolal-o ao dedo meião: — Eu sou casado! (ou casada, o que tornaria a conversa mais interessante).

16.º — Voltal-o ao redor do dedo anular: — Estou para casar.

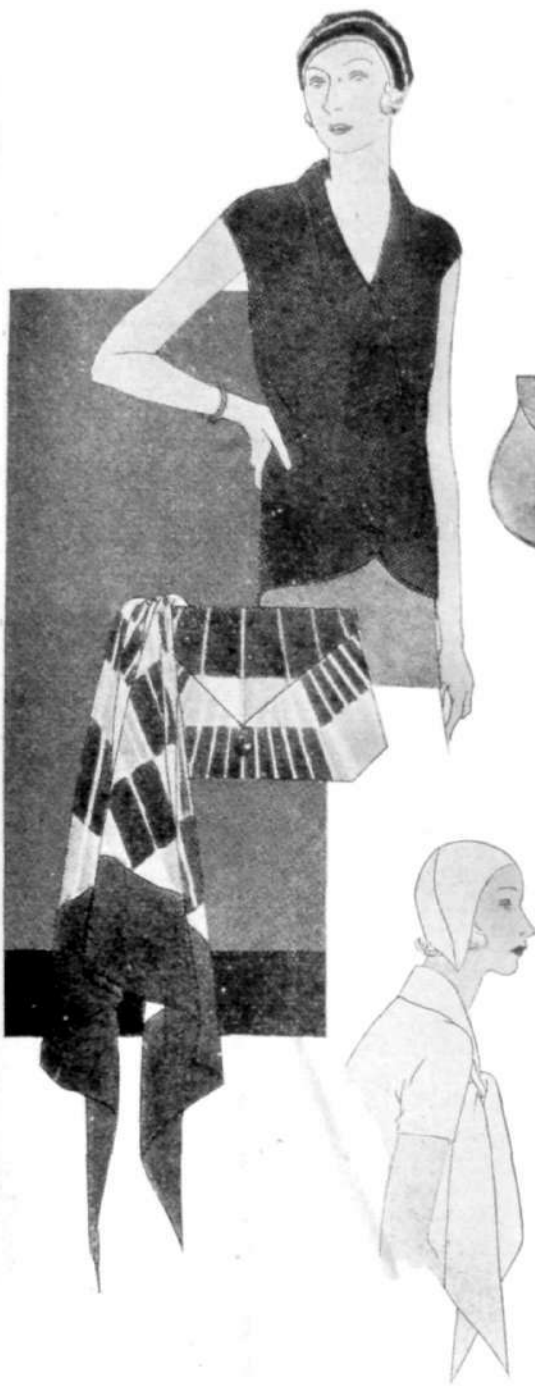
17.º — Collocal-o ao bolso: — Por hoje basta.

18.º — Saccudir o lenço num gesto de adeus: — Leva-me a ver MAURICE CHEVALIER em "INNOCENTES DE PARIS" um lindo film da Paramount, falado, cantado e dansado. Uma produção MOVIE-TONE.

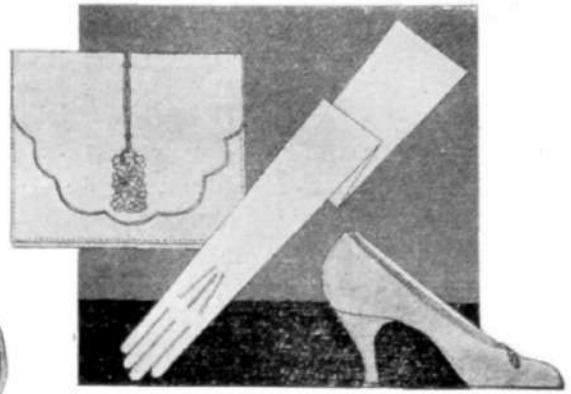


Gary Cooper e Collen Moore, no film sonoro "O Amor Nunca Morre", que o Parque vae exhibir a começar de hoje.





ACCESSÓRIOS que accentuarão consideravelmente o "chic" primaveril são as blusas de Chanel acompanhadas pelos "bérrets" de jersey macio côr de rosa. Wanamaker: uma bolsa envelope em sêda estampada brilhante e "écharpe" condizente. Nat Lewis: um curioso turbante em linho azul e "écharpe". Franklin Simon: no alto da pagina vê-se uma encantadora bolsa para noite em crêpe da China, de brilhante colorido. Nat Lewis: ao lado, uma bolsa de "lamé" de ouro fosco com ornamentações de jade. Nat Lewis: as luvas compridas e sem botões para noite são em côr bege-rosa. Altman: os sapatos em "lamé" prateado para noite são enfeitados com tiras de prata.



#### A MODA JULGADA PELOS GRANDES SPORTMAN

Eis o que pensa sobre a moda e sobre as Franças, o campeão internacional de tennis Jean Borotra, que fez triumphar sobre todos os "courts" do mundo as côres da França e que contribuem, este anno ainda, para conservar em França a "Taça Davis", trophéo supremo do tennis:

A moda segue o curso dos acontecimentos; ella é o reflexo dos costumes de uma época: para a nossa, que deu ao sport tanta importancia —demasiada talvez —, a moda é actualmente sportiva, isto é exprime a liberdade das attitudes, o triumpho de uma linha simples, natural e harmoniosa.

Mas, que a mulher seja somente sportiva, tanto de dia como de noite, isto é, que ella renuncie a seus attributos de seducção, parecer-me-ia exagerado. Todos nós, homens de negocio e Sportmen, gostamos com effeito, depois das luctas diarias, de encontrar, nas horas de lazer, no lar ou na sociedade, este ser delicioso que encarna uma mulher bonita e elegante, bem vestida e coquette. Portanto, a saia mais comprida para a noite não é desagradavel, uma vez que é mais feminina e manifesta mais magestade e distincção. Ella creia uma mulher nova que não é mais, de noite, aquella que conhecemos de dia. Admiro essa variedade de expressões da moda que muda, para as differentes horas, a forma do chic.

A franceza, mais talvez do que qualquer outra mulher, é eximia nesta arte: é que ella é muito mulher, por natureza, e se adapta á vida de uma maneira intelligente e encantadora.

Assim ella rapidamente se tornou sportiva — o que não era ha bem pouco tempo ainda — não somente para os exercicios corporaes como tambem para as luctas da existencia e para os negocios. Ella se bate corajosamente com as circumstancias e o faz com uma elegancia e uma desenvoltura que são de pura raça.

Sem ser a mais bonita do mundo, ella é a mais seductora pelo espirito e pelo coração. Emfim ella é — e isto não se pôde discutir — flôr maravilhosa desse chic que só nasce entre nós.

Aprecio a moda nas suas variações e a actual me agrada.

Uma só critica: os chapéus!

Ahi, eu não gosto desses chapéus sem abas que expõem o rosto á luz brutal em vez de protegê-lo na doce penumbra. Se eu fosse mulher só escolheria os gentis "cloches" com uma aba bem modelada.

Jean Borotra

# COMO EU FAÇO MEUS FILMS FALADOS

Renunciei, é exacto, aos cachos do meu cabelo; mas, com essa renuncia, readquiri minha perdida voz

Por MARY PICKFORD

NOVA YORK — Já não possuem cachos meus cabelos! Quando a elles renunciei, entretanto, não ia muito longe a teta de minha infancia. Delles, as unicas lembranças que me ficaram, estão impressas sobre milhões de metros de cellulide. Resta-me, porém, um deliciozo consolo: fazendo desaparecer aquellas madeixas, recuperei, com os "films" falados, minha voz!

Eu partira em viagem de ferias, quando os "films" falados, como verdadeira avalanche, invadiram Hollywood, arredando as antigas concepções, e, com estas algumas das scenas mais em voga. Tinham-se ido, ao mesmo tempo, as melhores "chances" de centenas de novas creações, cuja perspectiva era a do mais ruídozo successo. Foi neste momento psychologico, que fiz cortar os meus cabelos.

Devo dizer, que não pairava, em meu espirito, a menor idéa de produzir "films" falados.

Com effeito, eu mesma recusara-me a vér qualquer desses "films", durante largo tempo, declarando, formalmente, que jamais collaboraria em algum. Mas o meu director sempre tentou, durante longo tempo, fazer-me mudar de idéas. Elle insistiu, argumentou, tornou-se mesmo, algumas vezes, furioso; afinal, tive que admittir, que os "films" falados estavam supplantando o antigo cinema mudo, e que si pretendia manter-me como estrellia, logicamente devia ceder a tão grande progresso, que já captivara a imaginação de milhões de pessoas.

Não foi senão agora que me aprofundei sobre a bondade do Destino que arranjou tão bem as cousas, de accordo com os meus desejos. Os "films" falados me proporcionaram ensejo para uma completa mudança na minha arte. Eu mesma me constroo em "critica" implacavel das minhas proprias produções e minha consciencia é bem mais severa do qualquer critico de profissão, de quantos tenho encontrado.

Iniciarei, em breve, os trabalhos para um "film" completo, não deixarei exhibir, si não estiver inteiramente bom, na minha opinião. Si bem que eu já haja trabalhado, pelo espaço de dez annos, em palco, antes de produzir o meu "film" falado tinha perdido toda a noção do que aprendera.

Entretanto, a technica do theatro não convém aos "films" falados, os quaes têm um methodo muito particular. Todas as vezes em que eu me apresentava, bem preparada e que empregava uma voz que eccaria em todo o theatro, os discos tornavam-se ensurdecedores.

Assim, pois, tive que aprender a nova arte, desde o começo. Qual foi para mim a scena mais difficil de executar?

Foi, creio-o, quando, em um "film", devia soluçar amargamente, durante as scenas que se desenrolavam sobre a montanha onde ficava a cabana do meu amante. Os choros silenciosos e fingidos não convém aos "films" falados; tem que ter o sentimento da realidade e devem ser produzidos com uma voz um pouco elevada, afim de que possam ser registradas, mas não tão fortemente que nos façam ouvir o resonar das quedas do Nicaraga... Eu começava a chorar quinze minutos antes da execução da filmagem e do registro da sonoridade da scena em que devia ser assassinada.

Podies imaginar o meu resentimento, ao terminar a operação; o apparelho registrador apontava defeitos, occasionando a perda do disco.

Devíamos repetir, por consequência,

a scena inteira. Na segunda vez, então, as minhas lagrimas appareciam como se fossem authenticas! E' muito captivante a confecção de "films" falados. Não se passa um dia que não se descubra uma cousa nova para se addicionar ao activo. Verifiquei ser indispensavel ás pessoas que se occupam de photographias, assim como os seus assistentes, carregarem taboleiros negros, afim de impedir a reflexão do seu vestuario claro nas aberturas da galoia do apparelho photographico; constatei tambem que a minha voz é melhor registrada, quando falo mais vagarosamente. Percebi ainda que os ruídos são( algumas vezes, registrados de uma fórma differente da produzida no ouvido do homem. E', portanto, vantajoso observar, antes, algumas partes do "film" na fórma silenciosa, e ajuntar,



Segunda-feira ultima, Miss Pernambuco visitou o "Diario da Manhã" Euclides estava presente e fez esta caricatura.

# HOTEL CENTRAL

Av. Manoel Borba - Recife

End. Telegraphico: HOTCEN

Edificio de 8 andares, com luxuosos apartamentos, magnificos quartos, serviço telephonico em todos os aposentos.

Bar, Barbearia e Grande Restaurant

## COMO EU FAÇO MEUS FILMS FALADOS

( Conclusão )

em seguida, as palavras ao effeito, con-vindo tambem, registrar o som, ao mes-mo tempo que a photographia do ob-jecto; mas nem sempre é possivel di-zer-se como um som será reproduzido.

Por exemplo: que poderia assema-lhar-se ao som de um tamborete arre-messado contra a cabeça de um ho-mem? O facto produziu-se quando eu representava com Douglas Fairbanks:

"Como se educam mulheres, segundo Shakespeare".

Eu devia atirar á cabeça de Douglas o tamborete em questão. Longe de mim a idéa de querer bagoar Douglas, é evidente, comquanto o tamborete fosse fabricado de material inoffensivo. Eu tinha, pois, que arremessal-o, pelo menos, sete vezes, antes de attingil-o. Direis que eu não o visava bem?

Não absolutamente. Entretanto, meus nervos me abandonavam, cada vez, no ultimo instante, e minha mão care-cia de firmeza. Por fim sahi-me bem e

o ruído foi registrado pela machina so-nora. Mas o contacto não produziu o ruído que teria produzido um tambo-rete atirado á cabeça de qualquer pes-sôa. O som, foi, pois, supprimido, nes-te momento, e aproveitado em seguida.

Ainda não vi o resultado obtido pelo operador, em virtude do prejuizo so-frido pelo aparelho na confeção do "film" "Como se educam mulheres". Todavia, supponho-a formidavel, pois Douglas tem verdadeira aversão e todas as partes sensivels ao aparelho regis-trador, estalaram centenas de vezes, antes de terminar a operação.

**NÃO SE ILLUDAM!...**

## O CAFÉ SÃO PAULO

é um producto que se recommenda pela excellencia da sua qualidade.

**EXIJAM DE PREFERENCIA ESTA MARCA**

À venda em todas as mercearias e no Deposito a rua do Rangel n. 140



## O AMOR NUNCA MORRE

(LILAC TIME)

Um "film" da FIRST NATIONAL PICTURES, com COLLEEN MOORE e CARY COOPER

A guerra com todos os seus aspectos sombrios levou para uma fazenda lá na frente franceza o Corpo da Real Aviação Inglesa. A única casa que poderia oferecer relativo conforto aos bravos aviadores ingleses era a de Jeannine, uma francezinha patriota, dotada de todas as bravuras da raça. No convívio diário Jeannine se apaixonou loucamente pelo capitão Philippe Blythe e elle se prendendo por laços tão fortes que todas as vezes que elle partia para combater o inimigo ella se entregava ao maior desespero na duvida de que se elle voltaria ou não. Um dia porém, para deter o avanço de dos allemães, os aviadores tiveram ordem de abandonar-o. Contrariada cheia de revolta Jeannine foi arrastada pela mãe em meio ás legiões dos fugitivos. Ainda não tinham andado um kilometro entretanto Jeannine conseguindo ludibriar a vigilância da mãe voltou ao provado deserto.

Jeannine entrou no povoado precisamente em meio a um bombardeio aremendo de um avião inimigo, que tudo reduziu a escombros. Mas espectáculo mais emocionante ainda lhe estava reservado pois cessado o ruído do motor do terrível avião que passara, outro lhe feria os ouvidos: era o avião de Philippe que avançava para se empenhar em luta renhida com um

outro allemão. De tudo o que assistiu de commovido e brutal, tudo a levou ao desespero, principalmente quando viu o namorado querido cahir para um lado, enquanto o allemão cahia para outro, como o remate de uma lu-



—Vaes casar com uma mulher que possui cem mil pesetas de renda e queres me convencer que será um matrimonio de amor?

— Sim, de amor. Oodoro o dinheiro.  
(De "Gutierrez", Madrid).

ta que não teve vencido nem vencedor. Viu Philippe partir numa ambulancia para o hospital, máil grado todas as suas supplicas para que ficasse.

Nesse mesmo dia Jeannine partiu em busca de Philippe. De hospital em hospital, peregrinando, foi parar, afinal, ao museu transformado em enfermaria, onde Philippe estava. Perguntou por elle e lhe disseram que hanine chorou muito e mandou collocar via morrido nelle algumas flores. E já vinha sahindo desolada, atravessando o jardim para ir nem sabia para onde, quando Philippe, em tratamento ali, chegando á janella do hospital e vendo-a, gritou-lhe o nome desesperadamente, morrendo-lhes os gritos nos ruidos dos carros e automoveis. Jeannine nessa occasião encontra em convalescença ali, um dos sete aviadores seus velhos conhecidos, falando-lhe tão descrente e accentuando que a vida para ella depois da morte de Philippe de nada valla — que elle lhe disse, que lhe ouvira dizer uma vez que "O AMOR NUNCA MORRE". E, conversando com o joven aviador, Jeannine voltou-se para o hospital, ali reparando que de uma das janellas do segundo andar alguem lhe accenava... Fixou bem a janella e tonta de alegria, esfregando os olhos com receio de estar sonhando, correu, goida, os braços alçados ao encontro do seu Philippe que ali surgira! Num instante galgou os degraus da escada e alcançou-o, beijando-o muito e envolvendo-o nas suas maiores ternuras, exultando por ter encontrado a sua grande aventura, quando julgava tel-a perdido para sempre!

# Sabão Marmorizado DA SABOARIA FRANCEZA

O LEGITIMO SABÃO  
MARMORISADO TEM EM  
CADA BARRA A MARCA

"MARMORISADO L. B. C."

Não corta o tecido e, pelas suas boas qualidades saponaceas, é sempre o preferido

ECONOMICO, UMA BARRA VALE POR TREZ DE QUALQUER SIMILAR

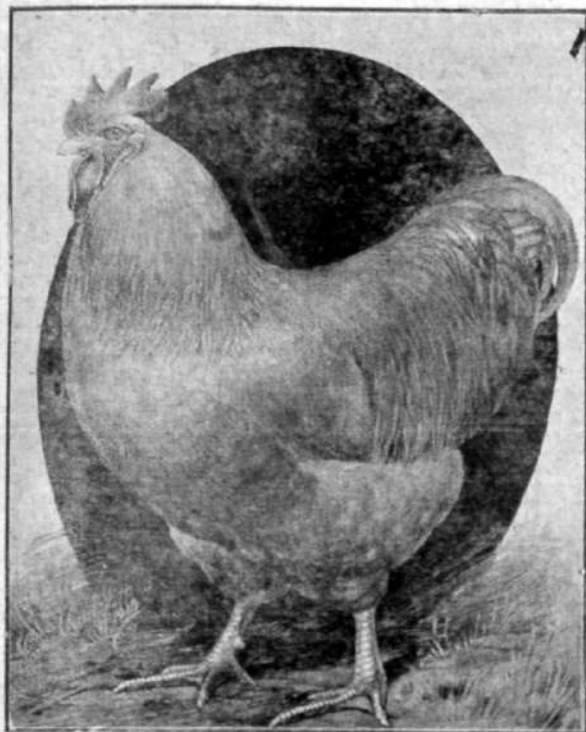
FABRICANTES:

**Loureiro Barbosa & Cia. Ltda.**

RECIFE



# AVIARIO "VISTA ALEGRE"



*Aviso a minha distincta freguezia, que afim de melhorar as raças de Aves que crio, deverá chegar em principios de Maio o vapor "Clavarak" com um carregamento de reproductores importados directamente da AMERICA DO NORTE*

## Raças de Gallinhas e Perus

White Leghorn  
Rhode Island Bed  
Plymouth Bock  
Gigantes Negras de Jersey  
Orpingnon  
Wyandottes  
Mammouth Broceados (Perus) Peso Standard 25 lbs

## Couceiro da Costa

Rua do Rangel N. 50 — Phone N. 6769 - End. Teleg. AVIARIO

## A estreia de Chaplin na America

(Conclusão)

"Mas o maldito bifeck fritava. Um odor de carne espalhava-se pelo corredor. Uma ou duas vezes o gerente veio bater á nossa porta. Stan Laurel que é agil como um gato repunha a lampada no logar, eu jogava o fogão na cama, cobria a carne com o travesseiro e acolhiamos o importuno com nosso mais encantador sorriso.

"Nosso ar de innocencia impunha-se quasi sempre aos infelizes. Uma vez, entretanto, não tivemos tanta sorte.

"Fomos obrigados, por isto, a agir de maneira que o porteiro e o gerente, de olfacto e ouvido mais subtile, nada podessem descobrir. Começavamos por queimar quatro ou cinco pedaços de papel de armenio e algumas folhas de eucalyptus. Quando a atmospheria tinha se tornado quasi irrespiravel, ligavamos o fogão, e quando o bifeck começava a cantar, Stan Laurel e eu emprehendiamos uma conversação das mais animadas, com grandes brados de voz — e discutiamos com tanto ardor que uma vez mesmo quasi brigavamos — ou então eu tomava meu violino — nesse tempo era a minha paixão — e tocava todo o meu repertorio com uma energia que augmentava dez vezes o appetite.

"Quando sahiamos do hotel, não nos podiamos impedir de olhar todo o pessoal com um ar de profunda superioridade".

MONTGOMMERY.  
(Continúa)



— Não las a Veneza com o teu esposo?

— Elle foi sosinho. Disse-me que eu não fosse porque a cidade está inundada.

(De "Buen-Humor", Madrid).

## O moço do violino

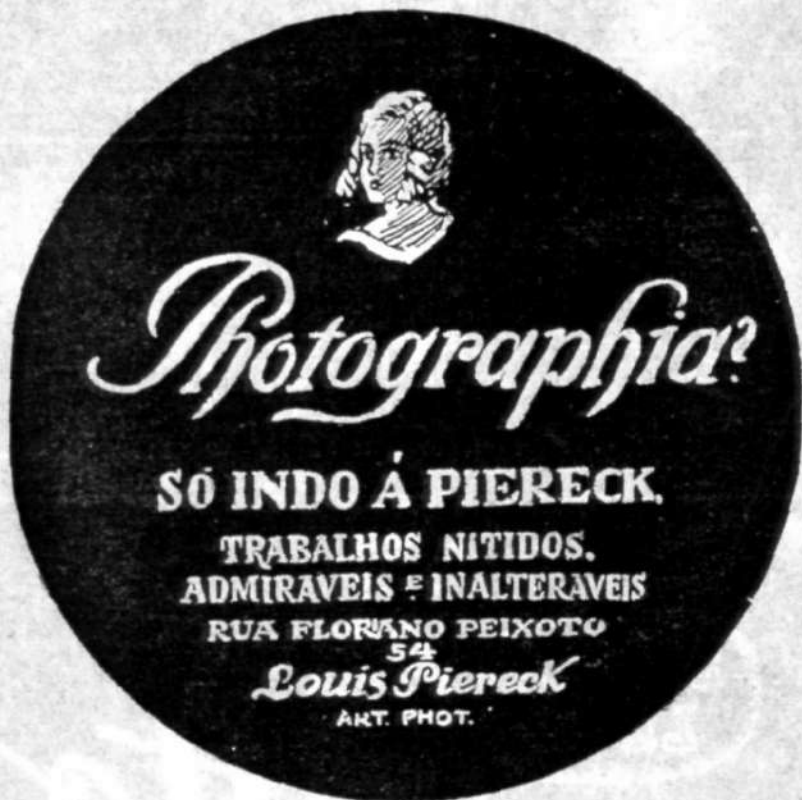
(Conclusão)

sempêro, não se conteve mais. Os olhos claros perderam toda a doçura. Pousou cuidadosamente o instrumento e o arco no chão, e apanhou uma pedra. Mas, antes de arremessal-a, o cão fugiu em disparada, presentindo por instincto algum máo intento.

A pedra fez em pedaços uma das vitrinas da loja fronteira. O dono acudtu logo, seguido de dois empregados. Levantavam os punhos em gesto de ameaça. Clamavam. Ao surprehender o mendigo, adivinharam o culpado. E os três precipitaram-se para elle.

Então, o infeliz mediu o perigo. Não tinha dinheiro para pagar o prejuizo dos vidros quebrados. E talvez o dono da loja lhe quizesse tomar o violino em pagamento, o seu violino, que lhe proporcionava os meios de subsistencia, que falava por elle, pedia esmolos para elle, e também era o insterprete de seus sonhos mutilados.

Rapido, pegou com mãos tremulas o violino, e correu como um ladrão, no crepusculo quase cinzento. Em pouco, o seu vulto errante sumiu nos longes nublados, perseguido pelos latidos do cão e pela gritaria da turba enfurecida: Péga! Péga! O arco ficou no chão esquecido...



**Photographia?**  
**SÓ INDO À PIERECK.**  
**TRABALHOS NITIDOS.**  
**ADMIRAVEIS E INALTERAVEIS**  
**RUA FLORIANO PEIXOTO**  
**54**  
**Louis Piereck**  
**ART. PHOT.**

## Uma manhã inútil

(Conclusão)

no portico do seu tempo! Todos os seus dias morrem com a sua morte, e a luz arrebatada do olhar as ultimas coisas.

Quando a cabeça de Romero cae pesadamente sobre a almofada, Carlos dá um grito e sae correndo.

De um salto cae no meio da manhã, que estende no ar suas telas de claridade. Um vento de lavar as coisas traha inutilmente de apagar-lhe dos olhos a horrivel visao. Corre, entretanto, e da de brucos com alguém que dorme no solo.

— Pilón, Pilón! — grita Carlos encucando-o. — Vem... A manhã em sangue... Gabriel matou Romero — e continua a correr.

— E, meu Deus! Como, quando? Aonde!

— Não sei, Pilón; porém vem, vem comigo.

E correm, tremendo. Porém que difficil é tremer de manhã, pensa Carlos numa manhã assim, toda claridade, como para uma festa, quando tudo, tudo amanece, como nas cidades, onde o sol accende as janellas.

Em sua carreira sem rumo, os dois homens chegam no momento que chega o trem. Detém-se tremulos. Passa a locomotiva, vagões, carros de passageiros...

A manhã levanta-se sobre o trem, limpa a paisagem em redor; o sol deslumbra. Carlos estremece violentamente: As janellas illuminadas...! Por fim a cidade e a manhã para ella, para ella que está all, all em baixo, empoada a cabeleira...

Carlos faz um movimento para a frente com as mãos estendidas, porém Pilón segura-o fortemente por um braço, junto ás rodas do trem.

— Eh! Carlito, que fazes?

Com o impulso, ambos caíram no sólo, atraz do relinchar de ferros e do sorteio de pó do ultimo carro, atraz do ultimo passo da morte.

Carlos põe-se violentamente de pé:

— Que há, Pilón?

— Sei lá! Sahiste correndo e me trouxeste até aqui!...

— Sim, sim, porém, e as cidades, Pilón? E a manhã, esta manhã?

— Ora, manhã!...

— Sim, a manhã, a claridade que tu buscava!... Para que, para que ca, Pilón?...

— Não sei, Carlito, terás que procurar algo...

Carlos olha em redor de si, e sem dizer nada, começa a andar de novo até a estação. Nota, então, que está em roupas de dormir. Não olha as pessoas que rodellam o assassino em ouve seus commentarios e seus gritos de indignação. Sente-se vazio e estranho. Para que que, pensa, para que queria essa manhã, toda essa claridade que lhe inundou o peito? Oh, se a

morte não se houvesse cruzado duas vezes no seu caminho, nessa manhã, talvez... Talvez seu tempo tivesse tido um glorioso florescer, longe, muito longe deste povoado preso á terra. Outra, sim; porém, agora... Heia, como é inútil!... A inquietude já Pilón? Como é inútil, agora, a manhã, morreu; agora a claridade augmenta ainda mais o vazio augmenta-o muito mais...



— Pum! Disparo e mato um pato. Outro tiro e uma perdiz. Pum! Pum! Uma lebre, Pum! outro pato.

— Mas você não carregava a espingarda?

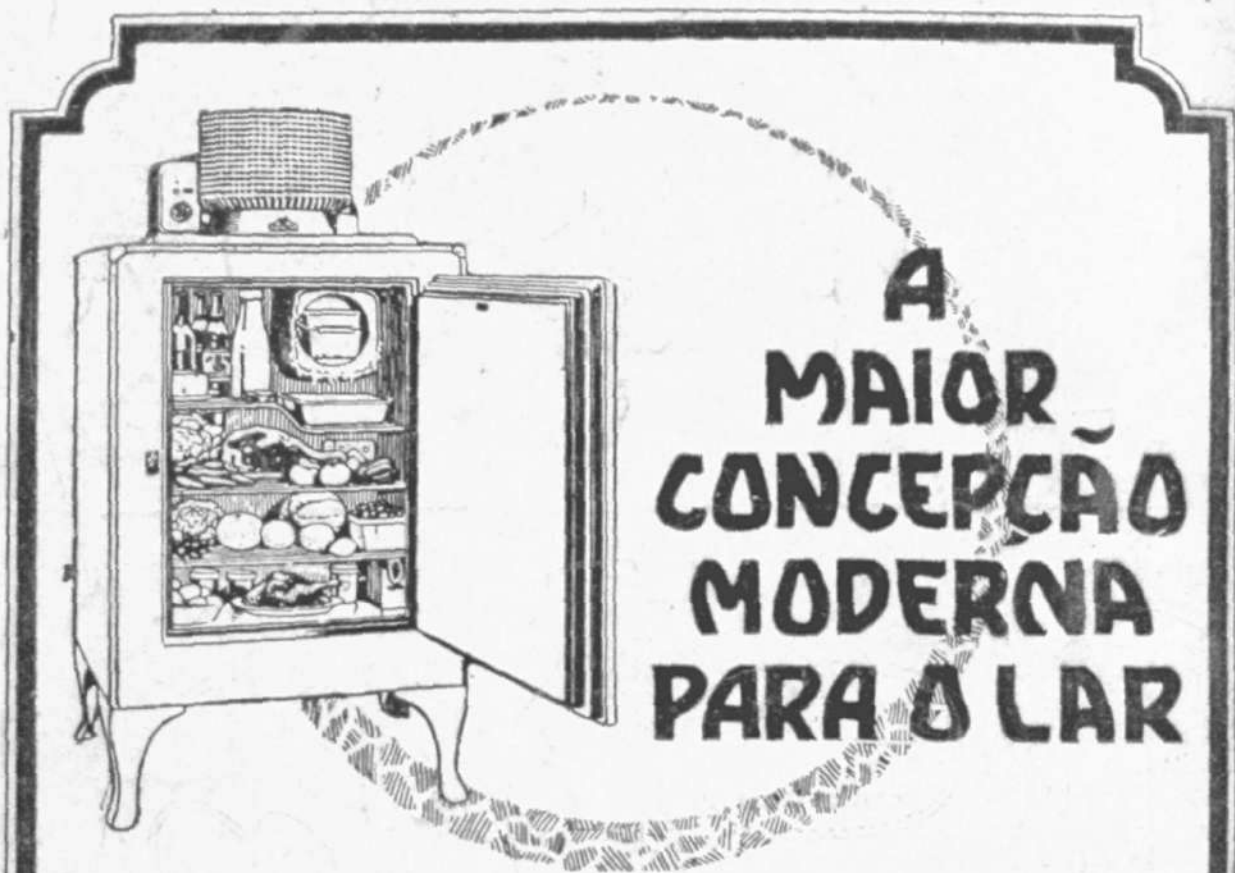
— Qual! Não havia tempo!

EXTRA  
LEVE

Brunetto

SÃO PAULO





**A  
MAIOR  
CONCEPÇÃO  
MODERNA  
PARA O LAR**

**REFRIGERADORES**

DA

**GENERAL ELECTRIC**

INFORMAÇÕES

NO

SALÃO DE DEMONSTRAÇÕES

DA

**PERNAMBUCO TRAMWAYS & POWER CO. LTD.**

Rua 1.º de Março, 106 - Telephone n. 6728

R-2